



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE CIÊNCIAS BÁSICAS DA SAÚDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS:

QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE

SUED SHEILA SARMENTO

**Práticas docentes sobre Infecções Sexualmente
Transmissíveis no ensino fundamental**

**PORTO ALEGRE
2018**

SUED SHEILA SARMENTO

**Práticas docentes sobre Infecções Sexualmente
Transmissíveis no ensino fundamental**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde com Associação de IES – UFRGS/UFSC/FURG como requisito para obtenção do grau de doutor em Educação em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. João Batista
Teixeira da Rocha (UFSC)

PORTO ALEGRE - RS
2018

CIP - Catalogação na Publicação

SARMENTO, SUED SHEILA
Práticas docentes sobre Infecções Sexualmente
Transmissíveis no ensino fundamental / SUED SHEILA
SARMENTO. -- 2018.
78 f.
Orientador: JOÃO BATISTA TEIXEIRA DA ROCHA.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde,
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências:
Química da Vida e Saúde, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. PRÁTICA DOCENTE. 2. INFECÇÕES SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS. 3. ENSINO FUNDAMENTAL. I. ROCHA, JOÃO
BATISTA TEIXEIRA DA, orient. II. Título.

SUED SHEILA SARMENTO

**Práticas docentes sobre Infecções Sexualmente
Transmissíveis no ensino fundamental**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde com Associação de IES – UFRGS/UFSM/FURG como requisito para obtenção do grau de doutor.

Aprovado em: ____ de _____ de ____.

Dr. João Batista Teixeira da Rocha (UFSM) - Orientador

Dra. Luciana Calabró (UFRGS)

Dra. Margaret Olinda de Souza Carvalho e Lira (UNIVASF)

Dra. Mônica Cecília Pimentel de Melo (UNIVASF)

Aqueles que me são mais caros: minha família de sangue e meus
amigos, a família que escolhi!

AGRADECIMENTOS

A Espiritualidade superior, por toda força e determinação para chegar até
aqui;

A minha família, em especial meus pais, que sempre desejaram uma filha
Doutora (não médica, mainha e painho, mas Doutora de verdade), obrigada
por todos sacrifícios vividos para nos dar uma educação de qualidade;

A M.O, sem você tenho minhas dúvidas se este momento chegaria, não
consigo colocar em palavras o tamanho de minha gratidão;

As minhas amigas irmãs, Michelle, M.O, Fátima Brandão, Audimar, Lucimara,
Fátima Aguiar, pelos conselhos, apoio e incentivo;

Aos meus amigos da Gerência de Ensino e Pesquisa da Ebserh/HU/UNIVASF,
em especial aos meus “chefes”, Ricardo e Audimar, pela sensibilidade e
empatia em todos os momentos em que necessitei me fazer ausente, e a
Venâncio por todo apoio tecnológico;

Aos meus alunos: Dhéssica, Gabriela, Kallyny, Mariana, Mateus, Mônica e
Thaysa, pela colaboração na construção deste trabalho, vocês foram
essenciais;

Aos meus colegas do Módulo Saúde da Mulher e Gênero: Fátima Brandão,
Luciana Dutra, Lucineide, Venâncio, Mônica Cecília, e Ramon, pela parceria e
sensibilidade nas tantas vezes que necessitei diminuir minha carga horária;

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida
e Saúde, por tornar possível esta qualificação sem necessitar me ausentar da
minha cidade;

Ao meu orientador: Dr. João Rocha, pela confiança e simplicidade,
orientação a distância não é simples, nem fácil, tivemos nossos percalços ao

longo do caminho, o mérito que tiver este estudo é todo dele e de M.O, as
deficiências, são minhas;

Aos meus colegas do programa, não citarei nomes para não incorrer no risco
de esquecer algum, foram momentos preciosos que compartilhamos ao
longo desta caminhada;

A todos os professores participantes deste estudo que aceitaram e
colaboraram, expondo seus receios e anseios frente a uma temática ainda
tão delicada;

Aos membros da banca pelas correções e sugestões que permitirá um olhar
que orientanda e orientador não conseguiram obter;

A todos aqueles que fazem parte de minha vida de alguma forma e torceram
por mim ao longo deste processo,

O meu imenso OBRIGADA!!!

“...Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre... .”

Paulo Freire

RESUMO

Este estudo teve por objetivo investigar conhecimentos e atitudes de professores nas abordagens sobre infecções sexualmente transmissíveis - IST no ensino fundamental, identificando estratégias metodológicas utilizadas por eles para trabalharem esta temática. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, desenvolvida em três escolas públicas de ensino fundamental e uma escola particular. Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada aplicada a 13 professores do ensino fundamental e os resultados analisados pelo método do Discurso do Sujeito Coletivo, sua interpretação e análise ocorreu através da literatura vigente. O estudo atendeu as exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Vale do São Francisco sob parecer Nº 1.775.525. Os Discursos trazem que a educação sexual em especial acerca das infecções sexualmente transmissíveis é tema de difícil abordagem, cuja responsabilidade está limitada aos professores da área de ciências e biologia, não havendo assim o exercício da transversalidade como preconizado, revelam como limitação para o melhor desempenho, o conhecimento escasso sobre a temática, que o uso de estratégias metodológicas lúdicas pode auxiliar a manter o interesse do aluno e sua melhor apropriação do conhecimento, retrata que o vínculo entre professor aluno é uma favorece um diálogo mais aberto, mostra que as principais dificuldades para se trabalhar a temática está na ausência de uma relação mais próxima entre família e escola, que a orientação é a melhor estratégia para se trabalhar a prevenção destas doenças; torna-se necessário uma ampliação sobre a discussão de educação sexual nas escolas de modo que os professores se sensibilizem e tenham propriedade para inserir o tema cotidianamente em suas aulas, contribuindo desta forma para que os alunos tenham conhecimento adequado e possam exercer sua sexualidade de forma plena e consciente.

Palavras Chaves: Prática docente. Infecções Sexualmente Transmissíveis. Ensino fundamental.

ABSTRACT

The objective of this study was to investigate teachers' knowledge and attitudes about sexually transmitted infections (STIs) in elementary school, identifying methodological strategies used by them to work on this topic. It is a qualitative research, developed in three public elementary schools and one private school. The data were collected through a semistructured interview applied to 13 primary school teachers and the results analyzed by the Collective Subject Discourse method, their interpretation and analysis occurred through the current literature. The study met the requirements of Resolution 466/12 of the National Health Council, with approval of the Research Ethics Committee of the Federal University of the Valley of São Francisco under opinion No. 1,775,525. The Discourses point out that sex education in particular about sexually transmitted infections is difficult to approach, whose responsibility is limited to teachers in the area of science and biology, and therefore the exercise of transversality as advocated is not a limitation for the best performance, the scarce knowledge about the theme, that the use of playful methodological strategies can help to maintain the interest of the student and its better appropriation of knowledge, portrays that the bond between teacher student is a favored a more open dialogue, shows that the main difficulties in order to work on this subject, there is a lack of a closer relationship between family and school, that guidance is the best strategy to work towards the prevention of these diseases; it is necessary to expand on the discussion of sex education in schools so that the teachers are sensitized and have the property to insert the theme daily in their classes, contributing in this way so that the students have adequate knowledge and can exercise their sexuality in a way full and conscious.

Key words: Teaching practice. Sexually Transmitted Infections. Elementary School.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
DSC – Discurso do Sujeito Coletivo
DST – Doença Sexualmente Transmissível
EBSERH – Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente
EC – Expressões Chaves
HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana
HPV – Papiloma Vírus Humano
HU – Hospital Universitário
IC – Ideia Central
IES – Instituição de Ensino Superior
IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis
NT – Núcleo temático
OMS – Organização Mundial de Saúde
PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais
PSE – Programa Saúde na Escola
PSF – Programa Saúde da Família
UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	13
1.1- Adolescência	13
1.2 IST	15
1.3 EDUCAÇÃO SEXUAL	16
1.4 PRÁTICA DOCENTE SOBRE IST.....	17
1.5 – APROXIMAÇÃO COM A TEMÁTICA E RELAVÂNCIA DO ESTUDO ..	19
2-OBJETIVOS.....	21
2.1.Objetivo geral:.....	21
2.2.Objetivos específicos:	21
3. METODOLOGIA	22
3.1 Natureza e tipo de estudo	22
3.2 Local e Cenário de coleta de dados.....	22
3.3 Participantes	23
3.4 Técnica e Instrumento para coleta de dados	24
3.5 Coleta de dados	24
3.6 Procedimentos de análise de dados	24
4. RESULTADOS.....	26
4.1 INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: CONHECIMENTO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL (artigo aguardando avaliação – Revista de Educação do Vale do São Francisco);	27
4.2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NAS ABORDAGENS SOBRE IST'S NO ENSINO FUNDAMENTAL	38
4.3 DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: MOTIVAÇÕES E INTERESSES	53
DISCUSSÃO.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS.....	68
APENDICES	71
ANEXOS	75

1 - INTRODUÇÃO

1.1- Adolescência

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência compreende a fase da vida que se inicia aos 10 e vai até os 19 anos; já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), diz que ela tem início aos 12, indo até os 18 anos incompletos. É caracterizada por uma etapa permeada por inúmeras transformações, englobando as biológicas, sociais e psicológicas (FERREIRA, ALVES, PEREIRA, RODRIGUES, PAIVA, SANTOS, 2018).

É na adolescência que o jovem vai descobrir sua sexualidade, que vai ter início a sua percepção enquanto indivíduo e começar a enxergar o outro como um parceiro sexual. Nesta fase, torna-se cada vez mais necessárias ações de educação sexual de modo que este grupo possa se sentir seguro para exercer sua sexualidade de forma plena (JARDIM; CAMPOS; MATA; FIRME, 2013). Uma parcela considerável da população mundial é constituída por adolescentes – 17,5%, em países subdesenvolvidos essa estimativa chega a 23%, mais uma razão para que o governo mobilize ações que promovam uma mudança na saúde sexual e reprodutiva destes jovens (FERREIRA, ALVES, PEREIRA, RODRIGUES, PAIVA, SANTOS, 2018).

É nesta fase em sua maioria que os adolescentes iniciam sua vida sexual, ainda sem uma maturidade necessária para uma atitude que requer tanta responsabilidade, muitas vezes sem conhecimento sobre as mudanças as quais está vivenciando, nem sobre educação sexual e acabam por não se protegerem, ficando assim suscetíveis as situações de risco como as infecções sexualmente transmissíveis (IST), gravidez não planejada, aborto, entre outras (AMORAS; CAMPOS; BESERRA; 2015).

A curiosidade crescente, impetuosidade e necessidade de descobrir/experimentar o novo/desconhecido, são características comuns a esta fase da vida, tornando-os mais susceptíveis e vulneráveis a comportamentos/situações que os coloquem em risco pessoal. Dentre estas situações, temos as questões relacionadas ao comportamento sexual como as infecções sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos, entre outros (PINTO, 2012).

A prática do sexo de forma não responsável acarreta conflitos e pode trazer alterações nos projetos futuros dos adolescentes, resultando, muitas vezes, em situações de gravidez indesejada, aborto, infecções sexualmente transmissíveis (IST), síndrome da imunodeficiência adquirida (aids) e desistência escolar que, conseqüentemente, interferirão na saúde integral desses indivíduos (NASCIMENTO et all, 2013)

Pereira et all (2014) relata que a variabilidade de parceiros, o não uso de preservativos e o uso das drogas ilícitas são fatores de risco para o desenvolvimento destas infecções.

Estas doenças apresentam um sério impacto na vida reprodutiva, principalmente, das mulheres em função de poderem causar esterilidade, doenças inflamatórias pélvicas e câncer, podendo o câncer do colo ser relacionado diretamente com as infecções sexualmente transmissíveis (Papiloma vírus humano – HPV), o terceiro tipo de câncer mais comum entre as mulheres no mundo todo (NASCIMENTO et all, 2013)

O preservativo, masculino e feminino, tem ampla aceitação e é um dos principais métodos de prevenção para as IST, encontrado facilmente e distribuído de forma gratuita pelos serviços de saúde aqui no Brasil, e além da proteção contra estas doenças, ainda atua como método contraceptivo, impedindo uma gravidez não planejada (COSTA; LINS; ARAÚJO; ARAÚJO; GUBERT; VIEIRA, 2013).

Mesmo com estes benefícios e apesar de as políticas públicas existentes direcionadas a prevenção das IST, o público jovem, em especial os adolescentes, apresentam grande resistência em utilizá-lo em suas práticas sexuais, fato que pode ser comprovado pelo alto índice de gravidez não planejadas e a elevação das taxas de contaminação de algumas IST, como a aids, entre eles (AMORAS; CAMPOS; BESERRA; 2015)

Os adolescentes justificam esse não uso das mais infundadas formas, indo desde o não gostar simplesmente, passando pela questão da confiança no parceiro, até a questão da não programação da relação sexual (AMORAS; CAMPOS; BESERRA; 2015, COSTA; LINS; ARAÚJO; ARAÚJO; GUBERT; VIEIRA, 2013).

Na adolescência, a possibilidade de as relações sexuais acontecerem com uma troca frequente de parceiros, é maior, o que contribui para o aumento da vulnerabilidade em se contrair uma infecção sexualmente transmissível – IST.

Assim, sem a busca pela prevenção, a patologia pode ser disseminada de um adolescente para o outro, aumentando o número de pessoas contaminadas, podendo então, as IST em adolescentes ser considerado um grande problema de saúde pública.

1.2 IST

Quando se fala na origem das IST, escritos de mais de 3000 anos A.C já citam estas infecções, associando a presença de corrimentos uretrais a prostituição; isto devido ao fato de que indivíduos de vida promíscua e que fugiam as regras morais da época, foram as primeiras pessoas em que foram encontradas tais enfermidades (GIL, 2016).

Entende-se por IST, infecções causadas por vírus, bactérias ou outros microrganismos, que possuem sua principal forma de transmissão pelo contato sexual (oral, vaginal, anal), sem o uso da camisinha masculina ou feminina, com uma pessoa infectada. Sua transmissão também pode se dar, para algumas destas infecções, da mãe para o filho durante a gestação, parto ou amamentação; como também entre pessoas que fazem uso de drogas injetáveis e compartilham seringas (BRASIL, 2017).

As IST eram conhecidas por doenças sexualmente transmissíveis – DST, quando o Ministério da Saúde resolve promover a modificação da sigla visto que o “D” de DST faz alusão a doença e que implicaria em sinais e sintomas percebíveis no indivíduo, já as “Infecções”, podem ter períodos assintomáticos ou se manter assim por toda vida do portador, além de que a Organização Mundial de Saúde e outros órgãos que tratam da temática já adotavam a terminologia (BRASIL, 2016).

Atualmente as infecções sexualmente transmissíveis – IST estão acometendo cada vez mais cedo os jovens entre os seus 15 e 21 anos de idade. Sua vulnerabilidade pode estar associada a diversos fatores, onde se destaca a iniciação sexual precoce, na maioria das vezes, sem o uso do preservativo (SANTOS, 2018).

Este comportamento de risco aumenta a probabilidade de tornarem-se portadores/transmissores de muitas destas infecções, a exemplo das hepatites B e C, sífilis, o papiloma vírus humano – HPV, o vírus da imunodeficiência humana – HIV, dentre outros. Infecções estas que quando não tratadas de forma adequada,

levam a sérios problemas de saúde e até ao óbito, justificando assim o porquê das IST serem um grave problema de saúde pública mundial (AMORAS; CAMPOS; BESERRA; 2015).

Estudo mostra a elevação da aids na população masculina na faixa etária de 15 a 24 anos, e na população feminina da faixa etária de 15 a 19 anos, reforçando a necessidade de que as ações para este segmento precisam ser intensificadas. Quando se observa a série de 2006 a 2016, a taxa de detecção de casos da aids na faixa etária 15 a 19, para o sexo masculino praticamente triplicou (de 2,4 para 6,9 casos por 100 mil habitantes) (BRASIL, 2017).

Atrelado a grandeza do problema das infecções sexualmente transmissíveis está o desconhecimento sobre as mesmas, seus sinais e sintomas e suas relações com alguns tipos de câncer e as formas de transmissão.

1.3 EDUCAÇÃO SEXUAL

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (1997), a educação sexual deve ser instituída como tema transversal nas disciplinas das instituições de educação básica, visto que a escola é apontada pelo Ministério da Educação como um importante instrumento para veicular informação sobre formas de evitar gravidez e de se proteger de IST (BRASIL, 1998).

A escola é o espaço indicado para se trabalhar a prevenção, com foco na educação sexual, ela auxilia nas tomadas de decisões destes adolescentes referentes a temática, à medida que os orienta e esclarece suas dúvidas. Para tal, torna-se necessário que essa abordagem se dê de forma sistemática, favorecendo o pensamento crítico reflexivo sobre as diversas facetas que envolvem a educação sexual, como também suas vivências, tabus, mitos e preconceitos sobre a mesma (SOARES et all. 2015).

Porém, no Brasil, ainda é grande a falta de orientação adequada aos jovens e adolescentes, principalmente em algumas regiões, como norte e nordeste, onde os índices de IST, com destaque ao HPV, são elevados (PILECCO, 2010). Nestas regiões, algumas instituições de ensino obrigatório, principalmente as da rede pública, sinalizam um despreparo técnico com a falta de informações recentes sobre essa temática e a falta de recursos didáticos e humano disponíveis para realização dessa tarefa.

Com o intuito de auxiliar as instituições de ensino em trabalharem a temática sexualidade, em 2007 o governo federal cria o programa saúde na escola – PSE, o qual tinha dentre outros objetivos: custear e incentivar capacitação de professores no tocante a saúde sexual e reprodutiva com o intuito de reduzir as mais variadas vulnerabilidades a que os adolescentes podem estar expostos, com atenção especial para as IST e a gravidez não planejada (BRASIL 2008).

Embora o PSE esteja instituído há 11 anos, percebe-se uma ação bastante incipiente do mesmo, muitas das escolas nem sequer conhecem o real funcionamento do programa, assim como os profissionais de saúde das equipes do programa saúde da família, o que pode implicar em um impacto negativo na articulação que precisa ocorrer entre saúde e educação (JACÓE et all, 2017).

Este desconhecimento ou conhecimento incipiente pode ser um dos motivos para o não envolvimento efetivo destes profissionais no desenvolvimento das ações do programa

A falta de informações adequadas a respeito das IST pode acarretar formação de concepções e práticas de saúde errôneas que podem interferir de forma negativa na vida dos adolescentes, muitas vezes o mesmo só vem receber a informação correta, quando já está contaminado com alguma IST, quando busca tratamento.

1.4 PRÁTICA DOCENTE SOBRE IST

Quando se fala em educação formal, a escola surge como principal ambiente para promover a troca de experiências e socialização destes jovens, além de ser esperado que aborde temas comportamentais (RUFINO et all. 2013).

Para que isso ocorra de forma ampla, é necessário que insira em suas abordagens a educação sexual, derrubando conflitos que existe entre os adolescentes quando se trata desse assunto, pois muitos só recebem informações pelos meios de comunicação, mídia, amigos e vizinhos, sendo que em muitos casos são repassadas erroneamente, confundindo-os em relação a questões sobre sexualidade.

Grande parte destes jovens não recebem em casa uma educação sexual, pois muitos pais ainda não conseguem conversar com seus filhos sobre esta temática, especialmente quando o adolescente é do gênero feminino, gênero este que tende a sofrer mais com o conservadorismo ainda presente em muitas famílias.

Desta forma a responsabilidade da educação sexual é repassada para a escola, a qual deve conversar e orientar esses adolescentes, auxiliando a promover um bem-estar na sua vida sexual atual ou futura destes jovens (COSTA; LINS; ARAÚJO; ARAÚJO; GUBERT; VIEIRA, 2013).

Neste contexto, a escola tem papel fundamental em auxiliar na detecção e adoção de práticas que tornem o adolescente menos vulnerável, e participar diretamente na elaboração de ações educativas que visem à promoção da saúde do escolar.

As atividades educativas em saúde devem ser estruturadas de acordo com o contexto sociocultural vivenciado pelo adolescente, a fim de potencializar seu êxito. Tais estratégias podem ocorrer além das aulas ou dentro destas, sob a forma de palestras, oficinas, rodas de conversa, diálogos, entre outras atividades que permitam ao adolescente trocar experiências e esclarecer as suas dúvidas (RUFINO et all. 2013).

A escola é a responsável pela educação dos adolescentes, faz-se importante que a educação sexual seja inserida em seu cotidiano, promovendo discussões multidisciplinar e integral, tendo por base a transversalidade, cumprindo assim o preconizado pelo PCN.

Para tal, a participação docente de forma efetiva, se faz necessário, bem como que os mesmos estejam sensíveis aos temas relacionados a educação sexual. Na prática, percebe-se que estes profissionais encontram dificuldades em se trabalhar com a temática, referindo se sentirem desconfortáveis e/ou não capacitados, o ônus destas dificuldades acaba recaindo sobre os adolescentes, que perdem um espaço/oportunidade para debates/discussões de forma contínua e integrada (BORGES; MOURA-FERREIRA, 2015).

Diante do exposto, temos as perguntas de pesquisa:

- **Quais os conhecimentos e atitudes de professores nas abordagens sobre IST no ensino fundamental?**
- **Que estratégias metodológicas são utilizadas por professores para trabalharem IST no ensino fundamental?**

1.5 – APROXIMAÇÃO COM A TEMÁTICA E RELAVÂNCIA DO ESTUDO

A motivação para o desenvolvimento estudo, partiu de experiências vivenciadas enquanto enfermeira assistencialista do programa saúde da família – PSF – por 8 anos, antes de entrar na docência universitária, e das experiências como professora do módulo Núcleo temático – NT, disciplina obrigatória a cada dois anos para todos os docentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, da qual faço parte como professora do módulo Saúde da Mulher e Gênero do curso de enfermagem, desde 2006.

Enquanto enfermeira do PSF fui convidada diversas vezes para realizar atividades educativas nas escolas da minha área de abrangência, e percebia a ansiedade de diretores e professores para que os profissionais da saúde dessem conta de falar sobre temas nos quais eles não tinham domínio ou se sentiam inseguros e/ou não capacitados, todos estes temas relacionava-se a educação sexual.

Já na universidade, em atividades do módulo NT, realizadas em escolas, a mudança percebida era apenas geograficamente, o problema da dificuldade das escolas em trabalharem temáticas referentes a educação sexual, persistia e a semente de inquietação que havia sido implantada em mim anos atrás, começou a fincar raízes.

Dentro do módulo no qual atuo, saúde da mulher e gênero, direcionei minhas atividades de ensino/pesquisa e extensão para algumas áreas mais específicas da saúde da mulher, dentre elas câncer de colo uterino e IST, o que acabou por me permitir estudar mais a temática e aumentou o meu interesse para trabalhar com o tema IST e docência em escolas de nível fundamental com o intuito de buscar responder aquela minha antiga inquietação, e que acabou se tornando o meu objeto de estudo para o doutoramento.

Assim, este estudo poderá trazer subsídios que auxiliarão na sensibilização de professores sobre a necessidade de se trabalhar a educação sexual no cotidiano escolar destes jovens.

Essa compreensão favorecerá também a construção de um conhecimento crítico destes adolescentes em relação a sua saúde, o empoderamento de cuidar de si próprio, os responsabilizando sobre sua saúde e a prevenção contra as infecções sexualmente transmissíveis e a gravidez indesejada.

Como também provocar a escola de modo que esta compreenda a necessidade de implementar a educação sexual em seus planos de ensino, derrubando conflitos que existam quando se trata desta temática, favorecendo um diálogo e promovendo um bem-estar na vida sexual atual ou futura destes jovens.

Além de reforçar a necessidade de discutir a educação sexual no âmbito escolar para além das disciplinas de ciências e biologia, no intuito de disseminar uma nova construção do conhecimento, trabalhando estas e outras temáticas de forma transversal, como também auxiliar na modificação da prática docente no que se refere à promoção da saúde e prevenção das IST, através de abordagens que facilitem o entendimento dos adolescentes.

2-OBJETIVOS

2.1.Objetivo geral:

Investigar conhecimentos e atitudes de professores nas abordagens sobre IST no ensino fundamental, identificando estratégias metodológicas utilizadas por eles para trabalharem esta temática.

2.2.Objetivos específicos:

Compreender concepções de professores sobre IST como tema transversal no ensino fundamental;

Descrever a dinâmica de trabalho de professores sobre IST no ensino fundamental;

Avaliar a percepção dos docentes sobre suas práticas escolares.

3. METODOLOGIA

3.1 Natureza e tipo de estudo

Estudo descritivo, visto que objetiva descrever as características de determinada população ou fenômeno, proporcionando assim maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito. De abordagem qualitativa, a qual possibilita refletir a realidade e melhor analisá-la, Minayo (2017) traz que a compreensão dos dados, é o objetivo de uma pesquisa qualitativa e não resultados numéricos, este tipo de estudo busca analisar, entender e compreender os fatos, sendo assim mais subjetiva, necessitando desta forma de um maior envolvimento para que ocorra uma melhor análise dos dados e sua mensuração.

Ela ainda afirma que a abordagem qualitativa possibilita, a melhor estratégia de apropriação da subjetividade e dos contextos envolvidos na problemática das relações entre os agentes investigados e pesquisadores. A abordagem qualitativa permite a observância da palavra (falada, escrita, simbólica) que expressa os comportamentos humanos, incluindo a análise dos significados das ações e relações humanas (MINAYO, 2017).

Assim sendo, os procedimentos utilizados priorizaram o relato dos participantes, onde buscou-se compreender a lógica intrínseca dessas falas, sua retórica e as contradições encontradas, com o intuito de investigar conhecimentos e atitudes dos professores nas abordagens sobre IST no ensino fundamental, identificando estratégias metodológicas utilizadas por eles para trabalharem esta temática.

3.2 Local e Cenário de coleta de dados

A pesquisa foi desenvolvida em uma cidade da região submédica do Vale do São Francisco, interior de Pernambuco.

O cenário de coleta de dados foram quatro escolas de ensino fundamental, sendo uma da rede privada e as outras três da rede municipal¹.

A escola J. F., da rede municipal, funciona nos turnos manhã e tarde com o ensino fundamental I que vai do 1º ao 5º ano, com 349 alunos na faixa etária

¹ A escolha das escolas particulares se deu a partir das mais antigas na cidade e com maior número de alunos; as municipais foram determinadas pela Secretaria de Educação Municipal.

entre 06 e 10 anos; e o ensino fundamental II, do 6º ao 9º ano, com 347 alunos entre 11 e 14 anos, totalizando assim 696 alunos matriculados.

A escola N. S. R., também da rede municipal, funciona nos turnos manhã e tarde com o ensino fundamental I que vai do 1º ao 5º ano, com 580 alunos na faixa etária entre 06 e 10 anos; e o ensino fundamental II, do 6º ao 9º ano, com 695 alunos entre 11 e 14 anos, e a noite com a educação de jovens e adultos – EJA, com 125 estudantes, totalizando assim 1400 alunos matriculados.

A última escola da rede municipal é a J. E. C., que funciona nos turnos manhã e tarde com o ensino fundamental I que vai do 1º ao 5º ano, com 455 alunos na faixa etária entre 06 e 10 anos; e o ensino fundamental II, do 6º ao 9º ano, com 330 alunos entre 11 e 14 anos, e a noite com a educação de jovens e adultos – EJA, com 66 estudantes, totalizando assim 855 alunos matriculados.

A escola D. B, única da rede particular que aceitou participar da pesquisa, funciona nos turnos manhã e tarde, tendo alunos desde o maternal até o ensino médio, com 171 alunos no ensino infantil, 485 no ensino fundamental I e 356 no ensino fundamental II, totalizando 1012 alunos.

3.3 Participantes

Anterior a coleta de dados, foi mantido contato individual com os professores, para a realização do convite e explicação sobre a pesquisa, após esclarecido todas as dúvidas, com os que aceitaram participar, foi agendado, dia, hora e local para assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo I) e coleta dos dados.

O número de participantes foi determinado ao longo da pesquisa, finalizando em 13 e selecionados através dos critérios de inclusão de ser docente na escola pública e/ou privada de ensino fundamental, lecionar na 7ª série/8º ano, 8ª série/9ºano as disciplinas de português, matemática, história, geografia, ciências e artes; como critérios de exclusão, docentes que estivessem afastados de suas atividades em sala de aula, docentes que possuíssem alguma impossibilidade de se comunicar verbalmente, visto que tornaria impossível a aplicação da entrevista semiestruturada, docentes que não se encontrassem em uso de suas faculdades mentais e aqueles que se recusassem a fazer parte da pesquisa.

Para garantir o anonimato dos participantes, optou-se por identificá-los através de pseudônimos com nomes de escritores brasileiros.

3.4 Técnica e Instrumento para coleta de dados

Os dados foram coletados através da entrevista semiestruturada (Apêndice II): Esta técnica forneceu o espaço necessário para que o entrevistado se sentisse à vontade para discorrer sobre a temática como queria e o quanto achasse necessário, sendo este orientado por um roteiro contendo questões norteadoras para que não ocorresse um desvio do objeto de pesquisa, abordando além de questões que mostraram as características do grupo, principalmente itens sobre o tema proposto.

3.5 Coleta de dados

A coleta de dados ocorreu entre abril e agosto de 2017, obedecendo a um agendamento, conforme a conveniência quanto à data, hora e local de cada participante a ser entrevistado, onde foram aplicados o instrumento proposto.

Esta pesquisa foi realizada de acordo com os preceitos éticos referentes à pesquisa com seres humanos elencados na Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde que norteia as práticas em pesquisas com seres humanos (BRASIL, 2012) e aprovado pelo Comitê de Ética e Deontologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, sob parecer Nº 1.775.525

3.6 Procedimentos de análise de dados

Os resultados foram analisados pelo Método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) que organiza os conteúdos semelhantes das falas em um discurso único e traduz pensamentos e sentimentos coletivos, sem perder a sua essência (LEFEVRE; LEFEVRE, 2014).

O Discurso do Sujeito Coletivo procura dar conta do discurso, algo próprio do pensamento coletivo, mantendo-se fiel ao mesmo em toda a pesquisa, vem para ressignificar o discurso como unidade de reconhecimento dos próprios discursos, “O DSC [...] busca reconstruir, com pedaços de discursos individuais, [...] tantos

discursos-síntese quantos se julguem necessários para expressar uma dada “figura”, ou um dado pensar ou representação sobre um fenômeno” (LEFÈVRE; CRESTANA; CORNETTA, 2003).

Pode ser definido como uma síntese de várias opiniões. Um grupo social ou pessoas de uma mesma cultura emite um questionamento e ele vem com e em resposta a esta questão; é uma maneira da coletividade se fazer ouvir.

Neste estudo, os DSC foram elaborados, sendo fiéis aos trechos literais das respostas dos colaboradores individualmente e organizados com a ajuda do software do DSC; a sua construção se deu a partir do encontro das significações verbais equivalentes. A partir das expressões chaves e ideias centrais semelhantes às expressões chaves, deu-se origem nossos discursos coletivos, verbalizado sempre na primeira pessoa do singular.

A construção desses discursos seguiu uma sequência lógica, a saber: o reconhecimento das expressões chaves (EC); a elaboração da ideia central (IC) e por último, a construção da síntese do discurso do sujeito coletivo (DSC).

Por EC tem-se: trechos, partes, fragmentos, ou toda a fala, literal, na qual percebemos claramente a essência do tema/pergunta em questão;

As ideias centrais são uma síntese das EC, que descrevem de maneira sucinta e fidedigna o sentido do discurso em análise, as quais irão auxiliar posteriormente na elaboração do DSC.

Os discursos foram analisados a partir da literatura vigente sobre a temática.

4. RESULTADOS

Esta seção está dividida em um artigo (em apreciação), um publicado e um manuscritos, nesta ordem:

4.1 INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: CONHECIMENTO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL (artigo aguardando avaliação – Revista de Educação do Vale do São Francisco);

4.2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS SOBRE IST'S/ HPV/CÂNCER DE COLO DE ÚTERO NO ENSINO FUNDAMENTAL (artigo publicado na Revista de Educação do Vale do São Francisco - vol. 8, n.17, p. 83 – 99, dez. 2018);

4.3 DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: MOTIVAÇÕES E INTERESSES

4.1 INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: CONHECIMENTO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL (artigo aguardando avaliação – Revista de Educação do Vale do São Francisco);

ARTIGO ORIGINAL

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: CONHECIMENTO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL

INFECCIONES SEXUALMENTE TRANSMISIBLES: CONOCIMIENTO DE PROFESORES DE LA ENSEÑANZA FUNDAMENTAL

RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender concepções de professores sobre infecções sexualmente transmissíveis como tema transversal no ensino fundamental. Método: estudo qualitativo, teve como cenário quatro escolas, contou com 13 participantes. Atendeu às exigências da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Vale do São Francisco sob parecer Nº 1.775.525. Utilizou-se a entrevista semiestruturada como instrumento de coletados dados. A análise dos mesmos foi embasada no método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), sua interpretação e análise ocorreu através da literatura vigente. Percebe-se que a educação sexual em especial sobre as infecções sexualmente transmissíveis é um tema de difícil abordagem, sendo responsabilidade apenas dos professores das áreas de ciências e/ou biologia, indo ao encontro do que é preconizado pelos parâmetros curriculares no tocante a transversalidade, outro fator importante é o conhecimento escasso que os professores possuem sobre a temática. Torna-se necessário uma ampliação sobre a discussão de educação sexual nas escolas de modo que os professores se sensibilizem e tenham propriedade para inserir o tema cotidianamente em suas aulas, contribuindo desta forma para que os alunos tenham conhecimento adequado e possam exercer sua sexualidade de forma plena e consciente.

Palavras chave: Infecções Sexualmente Transmissíveis. Conhecimento. Ensino Fundamental. Professores.

ABSTRACT

This study aimed to understand teachers' conceptions about sexually transmitted infections as a transversal theme in elementary education. Method: qualitative study, had four schools as scenario, counted with 13 participants. It met the requirements of Resolution 510/16 of the National Health Council, with the approval of the Research Ethics Committee of the Federal University of the São Francisco Valley under opinion No. 1,775,525. The semi-structured interview was used as an instrument for collecting data. Their analysis was based on the Collective Subject Discourse (DSC) method, their interpretation and analysis occurred through the current literature. It is noticed that sex education in particular on sexually transmitted infections is a difficult subject, being only the responsibility of the professors of the areas of science and / or biology, in keeping with what is

recommended by the curricular parameters with respect to transversality, another important factor is the scarce knowledge that teachers have about the subject. There is a need to broaden the discussion of sex education in schools so that teachers become aware of and have the property to introduce the theme daily into their classes, thereby helping students to have adequate knowledge and to exercise their sexuality in a way full and conscious.

Key words: Sexually Transmitted Infections. Knowledge. Elementary School. Teachers.

INTRODUÇÃO

Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) constituem um problema de saúde pública, considerado uma epidemia mundial, devido ao crescente número de casos e seu impacto na saúde sexual e reprodutiva. Estimativas mais recentes apontam para 417 milhões de pessoas infectadas e 291 milhões de mulheres portadoras do Papiloma Vírus Humano (HPV), além disto, estima-se 350 milhões de novos casos de quatro tipos de IST na população de 15 a 49 anos: infecções por *C trachomatis*, Gonorréia, sífilis e *Trichomonas Vaginalis* (BRASIL,2015).

Neste contexto, esforços são envidados no desenvolvimento de estratégias de prevenção das IST e de mortes associadas às mesmas.

Concernente à população adolescente, teoricamente, o desenvolvimento de estratégias de prevenção encontra na escola um espaço adequado para práticas educativas favoráveis à aquisição de conhecimentos diversos no que se refere à promoção à saúde, em se tratando da saúde sexual, estas práticas possibilitam a estes jovens, assumir conscientemente o compromisso e a responsabilidade com sua sexualidade (SILVA,2015).

No entanto, por não integrarem a matriz curricular do ensino fundamental, abordagens sobre educação sexual não só não se encontram bem definidas quanto aos conteúdos e uso de estratégias que facilitem o entendimento do estudante, como também quanto à designação de professor devidamente habilitado para o desempenho desta função, que muitas vezes se restringe ao professor de ciências ou biologia e ainda sob uma perspectiva meramente biológica (LIMA; FERREIRA JUNIOR; MESSIAS, 2017).

É comum esses professores se queixarem de dificuldades na execução da temática por não disporem de recursos ou suporte para trabalhar aspectos subjetivos como valores, preconceitos e tabus e em razão disso acabam focando

apenas nos aspectos biológicos da sexualidade, limitando-se a abordar conteúdos constantes nos livros didáticos e que se resumem à fisiologia da reprodução, anatomia e temas tradicionais da adolescência como a prevenção da gravidez e das IST/AIDS (SILVA, 2015).

Neste contexto, na perspectiva de ampliar a abordagem sobre educação sexual, limitada aos aspectos biológicos da sexualidade; se promoveu a inserção da orientação sexual como tema transversal integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental I e II, além de ética, saúde, meio ambiente e pluralidade cultural, a ser trabalhados de forma continuada atrelado às disciplinas regulares ou de forma separada (BRASIL, 1998). Tal implantação pode ser considerada um avanço para a área (ROSA, 2016).

Tal inserção auxilia na disseminação dos direitos sexuais e reprodutivos, bem como na sua valorização, contribuindo desta forma para que os adolescentes possam se munir de informações que os auxiliem na tomada de consciência sobre sua saúde reprodutiva, à medida que têm acesso a estas informações (GONÇALVES, FALEIRO; MALAFAIA, 2013).

Neste caso, a intenção da transversalidade é promover uma aproximação deste conteúdo no ambiente escolar, com abordagens e discussão de temáticas que contemplem a educação sexual, entre as quais, a prevenção das IST, favorável a ser trabalhada nas diversas disciplinas do currículo escolar, ampliando a compreensão em diferentes contextos que ao partir da realidade do aluno adolescente, oportuniza a ressignificação de concepções sobre a temática (GONÇALVES, FALEIRO E MALAFAIA, 2013).

Pois, independentemente do cotidiano destes jovens, há de se considerar que a fase de adolescência caracteriza-se por mudanças biológicas, psicológicas e sociais significativas (PEREIRA & VALE, 2017) em que por uma necessidade de independência ou autoafirmação, é comum ao adolescente, a busca por novas descobertas e sensações, impulsividade e adoção de comportamentos que podem expô-los a riscos, o que amplia a vulnerabilidade com prejuízos no âmbito sexual como contaminação por IST/AIDS e câncer de colo uterino, como desfecho da infecção primária pelo HPV (SANTOS, 2018).

Isto mostra que a prática do sexo de forma inconsequente gera conflitos e modificações nos projetos futuros dos adolescentes, resultando, muitas vezes, em comprometimento de sua saúde, atraso e/ou desistência escolar que,

consequentemente, interferirão na qualidade de vida desses indivíduos (NASCIMENTO, 2013).

Vários fatores estão atrelados a este desconhecimento ou informações distorcidas, principalmente no que se refere à prevenção das IST (PEREIRA & VALE, 2017), alguns autores relacionam ao início precoce da atividade sexual, a falta de informação, exigências dos grupos de pertencimento, estímulos dos meios de comunicação, ausência de diálogo com familiares e solidão (SANTOS, 2018).

Deste modo, é possível compreender que a desinformação sobre transmissão e efeitos da exposição, contribui para uma postura indiferente de grande parte de estudantes adolescentes em relação às IST. Neste sentido, a escola e o professor constituem aliados potenciais na sensibilização dos alunos, contribuindo para a adoção de atitudes e comportamentos de que promovam a saúde e os previnam de adquirir IST (LOPES, DEFANI, 2016).

No entanto, por não integrarem a matriz curricular do ensino fundamental, abordagens sobre educação sexual não só não se encontram bem definidas quanto aos conteúdos e uso de estratégias que facilitem o entendimento do estudante, como também quanto à designação de professor devidamente habilitado para o desempenho desta função, que muitas vezes recai ao professor de ciências ou biologia (LIMA; FERREIRA JUNIOR; MESSIAS, 2018).

Nesta ordem de ideias, para responder à pergunta: quais as concepções de professores de ensino fundamental sobre IST? Esta pesquisa tem o objetivo de compreender concepções de professores sobre IST como tema transversal no ensino fundamental.

Sua relevância se incide no fato de que os resultados auxiliarão na compreensão e sensibilização de professores sobre a necessidade de trabalhar conteúdos referentes a educação sexual no ambiente escolar, sobretudo, a prevenção das IST, prática que precisa ser ampliada a todos os professores, não se restringindo àqueles da área de ciências e biologia.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Pesquisa qualitativa, recorte da tese de doutorado intitulada “Práticas docentes sobre infecções sexualmente transmissíveis, no ensino fundamental” vinculada ao programa de pós-graduação em Educação em Ciências: química da

vida e saúde com associação de IES da UFRGS, desenvolvida na cidade de Petrolina, Pernambuco, tendo como cenário quatro escolas, uma privada e três públicas.

Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada aplicada a 13 professores que atenderam aos critérios de inclusão de atuar nos 8º e 9º anos do ensino fundamental nas disciplinas de português, matemática, história, geografia, ciências e artes.

A organização dos dados foi embasada no método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014), técnica que consiste na organização dos dados verbais obtidos, em que categorias são criadas a partir das expressões-chaves retiradas dos discursos dos entrevistados, onde o pensamento coletivo é agrupado.

A estruturação dos dados foi desenvolvida em três etapas: pré-análise (organização), análise (categorização e construção do discurso do sujeito coletivo) e interpretação, utilizando literatura na análise referente a orientação sexual, os PCN, ensino de ciências e IST nas escolas. Utilizou-se o *DSCsoft*, um software para o desenvolvimento de pesquisas quali-quantitativas através da utilização do método do Discurso do Sujeito Coletivo para organização, categorização e criação dos discursos dos sujeitos coletivos.

O estudo não mostra os discursos individuais e as expressões chaves, e sim os DSC que as contém. Os mesmos foram discutidos e interpretados através da literatura vigente.

O projeto de pesquisa atendeu às exigências da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Vale do São Francisco sob parecer Nº 1.775.525. Para preservar o anonimato, os participantes foram identificados por nomes de escritores brasileiros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Grupo constituído por 13 professores, 08 do sexo feminino e 05 do sexo masculino e idade entre 29 e 53 anos, maioria de cor branca autodeclarada (05), predominantemente católicos (8) e estado civil, casados (06). Quanto à

escolaridade 11 tinham pós-graduação na área de educação, atuavam nas disciplinas de português (02) matemática (04) ciências (03) história (03) geografia (1) e artes (1). Havia 01 professor que lecionava duas disciplinas (português e artes).

Os DSC construídos com base nas Ideias Centrais e Expressões Chaves de suas respostas, originaram as categorias: abordar IST no ensino fundamental é responsabilidade dos professores de ciências e conhecimento limitado dos professores.

Abordar IST no ensino fundamental é responsabilidade dos professores de ciências

As respostas dos professores à pergunta sobre quais IST são abordadas em sala de aula, estão expressas no discurso:

Este conteúdo é deixado apenas na responsabilidade do professor da área, a gente acaba deixando a responsabilidade com a professora da área afim que é a área de ciências, são estas as mais faladas, esse assunto é mais abordado pela área de humanas ou ciências, fica mais com os professores da área, não é? Não é normal fazer uma aula sobre tais doenças em outras disciplinas, esse conteúdo é de ciências, percebo que é um conteúdo mais deixado para os professores de ciências abordarem, na prática, é difícil dizer que há uma integração das outras disciplinas com as propostas de ciências, porque é um conteúdo mais específico, por não ser da área de ciências, a gente não tem como as vezes preparar um material que sinalize melhor, a professora de ciências estaria mais preparada para essa abordagem, até pouco tempo atrás era só os professores da área que falavam (Adélia Pardo, Cora Coralina, Eliane Brum, Jorge Amado, Machado de Assis, Zélia Gattai).

As escolas se deparam com dificuldades para inserirem em sua rotina temas referentes a educação sexual, onde os mais relatados são a falta de recursos materiais e de profissionais capacitados.

Percebeu-se que a concepção de se restringir a professores de biologia e ciências, abordagens sobre a temática, não se modificou. Isto pode ser justificado pela proximidade entre ciências e educação sexual, em que conteúdos inerentes à

sexualidade são comumente encontrados em livros didáticos da área e contribui para que abordagens sobre o tema se limitem a essas disciplinas, o que resulta em dificuldades para inserção do mesmo no cotidiano escolar de forma transversal (ROSA 2016).

Apesar das recomendações sobre orientação sexual como tema transversal, contidas no PCN, o discurso revela a transferência de responsabilidade para o professor da disciplina de ciências para trabalhar conteúdos de educação sexual.

O argumento para se incluir temáticas relacionadas à educação sexual nas escolas, é possibilitar que assuntos polêmicos e delicados como gravidez na adolescência, homossexualidade, aborto e masturbação, dentre outros possam ser discutidos em um ambiente salutar e sob a orientação de profissionais sensibilizados, favorecendo desta forma a compreensão da sexualidade atual e futura e uma vivência de forma mais plena (VIEIRA, MATSUKURA, 2017).

O conhecimento dos professores sobre IST, está descrito no próximo discurso:

Conhecimento limitado dos professores

Não tenho certeza não, eu vejo os professores falar em AIDS, eu não tenho muito conhecimento das outras, sei que o HPV é um vírus, eu não tenho prática em abordar em sala esse conteúdo, acho que precisa eu me preparar, estudar, me sinto meio constrangida, acho a imagem muito forte quando se trata de DTS, eu evito levar para sala, tenho medo do que vai acontecer quando esse adolescente chegar em casa, não pensei ainda em um esquema, como esquematizar uma aula, até porque não é normal, uma aula na minha disciplina sobre tais doenças, a gente não pensa sobre isso ou para discutir isso, eu não me considero 100% preparada para discutir isso não, é muito difícil falar de IST, muitas vezes a gente não sabe nem o que é, assim, a fundo e se os alunos começarem a perguntar dentro das propriedades mesmo, eu não tenho esse conhecimento, acredito que a gente podia pelo menos ter um pouco mais de informação, acho que a gente tem que saber um pouco mais da abordagem, de como inserir, de como trazer, de como tratar, principalmente com a idade deles, a compreensão, porque mesmo que mostre fotos chocantes, a gente esquece
(Adélia Prado, Ariano Suassuna, Cecília Meireles, Cora

Coralina, Clarice Lispector, Jorge Amado, Marcelo Rubens Paiva, Nelson Rodrigues).

O discurso auxilia a compreender que os participantes deste estudo possuem um conhecimento limitado acerca da temática. Neste sentido, apesar das dificuldades para abordá-la em sala de aula, é necessário que isto ocorra, pois, os alunos precisam de espaço para escuta e discussão, onde possam sentir-se confortáveis para falar de suas experiências e dúvidas frente à educação sexual.

O educador, em especial o professor, é de maneira irrefutável um agente importante para que o processo de ensino/aprendizagem ocorra e quando falamos de temas relacionados e educação sexual, ele é o protagonista nessa tarefa. No entanto, pode-se questionar: estão estes nossos atores preparados para desempenhar essa função (NOVAK, 2013).

Para tanto, é preciso romper com conceitos pré-concebidos sobre a temática, evitar levar sua opinião pessoal para as discussões, dando ênfase às dúvidas dos alunos, de modo que estes reflitam e tirem suas próprias conclusões com base no que foi discutido (ROSA, 2016).

Levando-se em consideração que este adolescente passa maior parte de seu tempo no ambiente escolar, o professor deve respeitar seu modo de ser e ver a vida, mas ter um olhar para além da superfície, buscando encontrar no seu cotidiano, o real sentido de suas ações e aproveitar as oportunidades inerentes a este convívio para abordar temas relacionados a seu cotidiano e que irão auxiliá-los a tomada de decisões conscientes ao longo da vida, como é o caso da educação sexual.

Estes adolescentes são por natureza, contestadores, inquietos, essa inquietude é por vezes o motor propulsor para suas ações. São um grupo social que estão a todo momento buscando uma identidade que dê sentido ao seu pertencimento na vida social, assim como todos os outros (BERGHAUSER, 2015).

Nestes momentos, é preciso dar ênfase as ações de promoção à saúde e prevenção de doenças, e não aquele discurso ultrapassado acentuando a ligação entre sexualidade e doença ou morte, é necessário focar nas formas de contato que levam ao risco de contágio, bem como aquelas que não envolvem perigo algum, este público tende a ser disperso e a filtrar apenas o que é de seu interesse, podendo levar a compreensões errôneas e a propagação de informação errada (GONÇALVES, FALEIRO E MALAFAIA, 2013).

O espaço escolar acaba não sendo melhor aproveitado para uma discussão ampla sobre sexualidade e todas as suas questões inerentes, esclarecendo toda a modificação psicológica, para além da física que ocorre na adolescência, promovendo assim uma maior conscientização e minimizando todos os riscos que este público corre por falta de conhecimento, dentre eles o de adquirir uma IST (LOPES; ALVES, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os professores desta pesquisa sentiram-se desconfortáveis e recuaram diante da responsabilidade de assumir conteúdos que não integravam parte do seu programa de disciplina e que não sentiam-se capacitados em abordar, relataram não possuir conhecimentos suficientes sobre as temáticas. Assim, passaram a responsabilidade aos professores das áreas específicas, com a justificativa de ser este um conteúdo de difícil abordagem para este público, cujo despreparo pode ocasionar constrangimento em sala de aula.

Questões inerentes à sexualidade humana é uma temática desconfortável e que tem sido deixada de lado no cotidiano docente. A grande maioria das escolas quando realizam esta abordagem, direcionam estas aulas apenas para as disciplinas de ciências e biologia, e com foco na anatomia e fisiologia do corpo humano, não dando espaço nem oportunidade para que os adolescentes externem seu interesse, curiosidade e ansiedade para expor e esclarecer suas dúvidas.

Quanto aos professores de ciências e biologia priorizam apenas os aspectos biológicos, sem que considerem o aspecto multifacetado da sexualidade.

Percebe-se a necessidade de que estes professores sejam sensibilizados e capacitados para que possam ampliar a visão sobre sexualidade para trabalhar a temática de forma transversal como preconizado pelos PCN.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - BERGHAUSER, F. C. **Uma reflexão sobre a juventude a partir das noções de Michel Maffesoli**. 2015. 64 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2015. Disponível em:< <http://portalpos.unioeste.br/media/File/sandra.koerich/Francieli%20Berghauser.pdf>>. Acesso em 23 jul. 2018.

2 - BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 121p. Disponível em:<https://telelab.aids.gov.br/index.php/biblioteca-telelab/item/download/111_10096e5d00fea9bfab9e5393502542e3>. Acesso em: 18 jul. 2018.

3 - BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436p. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

4 - GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Revista Holos**, v. 5, ano 29, p. 251-263, out. 2013.

5 - LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 502-507, abr./jun. 2014.

6 - LIMA, K. C. S.; FERREIRA JUNIOR, M. P.; MESSIAS, C. M. B. O. Prevenção às IST/AIDS na educação de adolescentes no ambiente escolar: uma visão sobre os desafios da escola e da família. **Revista Querubim Letras Ciências Humanas Ciências Sociais**, v. 3, n. 33. 2017.

7 - LOPES, E. M.; DEFANI, M. A. O papel do professor de Ciências no trabalho de prevenção das DST's (HIV) na escola. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Programa de Desenvolvimento Educacional. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: Produção Didático-pedagógica, 2016**. Curitiba: SEED/PR., 2018. V. 2 (Cadernos PDE). Disponível em:<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_cien_uem_edmeamarizalopes.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2018.

8 - LOPES, M. M. C.; ALVES, F. Conhecimento de adolescentes do ensino médio sobre doenças sexualmente transmissíveis, em especial sobre papilomavírus humano – HPV. **Periódico Científico do Núcleo de Biociências**, v. 4, n. 8, p. 15-26, dez. 2014.

9 - NASCIMENTO, M. V. et al. O que sabem os adolescentes do ensino básico público sobre o HPV. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, Londrina, v. 34, n. 2, p. 229-238, jul./dez. 2013.

10 - NOVAK, E. **Dificuldades enfrentadas pelos professores ao se trabalhar educação sexual com adolescentes**. 2013. 38f. Monografia (Especialização de ensino em ciências) - Universidade tecnológica do Paraná, Medianeira, 2013. Disponível em:<http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/2501/1/MD_ENSCIE_II_2012_20.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2018.

11 - PEREIRA, E. F.; VALE, Y. F. **Prevalência do conhecimento sobre IST/AIDS em adolescentes de escolas públicas na cidade de Aracaju/SE**. 2017. 20f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal De Sergipe Departamento De Farmácia. 2017. Disponível em:<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/7386/2/Eulene_Fontes_Pereira.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2018.

12 - ROSA, L. M. G. **Educação sexual na concepção de professores do ensino fundamental**. 2016. 29f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em licenciatura em ciências naturais.) - Faculdade UNB, Planaltina, 2016. Disponível em:<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15069/1/2016_LiviaMariaGulgielminDaRosa.pdf>. Acesso em 15 jun. 2018.

13 - SANTOS, C. M. A. et al. Conhecimentos, atitudes e prática de homens sobre infecções sexualmente transmissíveis. **Revista Cogitare Enfermagem**, v. 23, n. 1, 2018.

14 - SILVA, R. Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 57, p. 221-238, jul./set. 2015.

15 - VIEIRA, D. **Correndo pelo certo, vivendo no crime: moral, subjetivação e comensurabilidade na experiência de adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas**. 2014. 366f. Tese de doutorado (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em:<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/129425/328996.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

16 - VIEIRA, P. M.; MATSUKURA, T. S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, abr./jun. 2017.

4.2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NAS ABORDAGENS SOBRE IST'S NO ENSINO FUNDAMENTAL (artigo publicado na Revista de Educação do Vale do São Francisco - vol. 8, n.17, p. 83 – 99, dez. 2018 - <http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/293>);

**ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS NAS ABORDAGENS SOBRE IST'S/
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**METHODOLOGICAL STRATEGIES IN THE IST'S / FUNDAMENTAL
EDUCATION APPROACHES**

RESUMO

Este estudo teve como objetivo identificar estratégias metodológicas utilizadas por professores nas abordagens sobre infecções sexualmente transmissíveis no ensino fundamental. Pesquisa qualitativa, tendo como cenário quatro escolas. A coleta de dados ocorreu através de entrevista aplicada a 13 professores atuantes no 8º e 9º ano do ensino fundamental em diversas disciplinas. A organização dos dados foi embasada no método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), sua interpretação e análise ocorreu através da literatura vigente. O estudo atendeu as exigências da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Vale do São Francisco sob parecer Nº 1.775.525. Os discursos construídos trazem as estratégias metodológicas que fazem uso do lúdico como forma de ajudar no diálogo com os alunos, possibilitando maior compreensão e aproximação com essa temática; a importância da educação sexual ser abordada de maneira transversal e multiprofissional, de modo que o aprendizado não seja fragmentado e a responsabilidade não recaia apenas sobre o professor de ciências/biologia; que o vínculo entre professor e aluno auxilia no diálogo mais aberto e sem tabus; que ainda existem desafios, principalmente na relação entre família e escola, necessitando, assim, de uma melhor aproximação para que esta educação se dê de forma efetiva. Com base no que foi exposto, conclui-se que a orientação é a melhor estratégia para se trabalhar a prevenção destas doenças, dando espaço para os alunos tirarem suas dúvidas de forma aberta, contribuindo para uma vida sexual mais consciente.

Palavras chaves: Infecções sexualmente transmissíveis. Estratégias metodológicas. Professores. Ensino fundamental

ABSTRACT

This study aimed to identify methodological strategies used by teachers in the approaches on sexually transmitted infections in elementary education. Qualitative research, based on four schools. Data collection was carried out through an interview applied to 13 teachers working in the 8th and 9th grade of elementary education in different disciplines. The organization of the data was based on the Collective Subject Discourse (DSC) method, its interpretation and analysis occurred through the literature. The study met the requirements of Resolution 510/16 of the

National Health Council, with the approval of the Research Ethics Committee of the Federal University of the Valley of São Francisco under opinion No. 1,775,525. The constructed discourses bring the methodological strategies that make use of the ludic as a way to help in the dialogue with the students, allowing a greater understanding and approach with this theme; the importance of sexual education is addressed in a cross-cutting and multi-professional way, so that learning is not fragmented and responsibility does not lie solely with the science / biology teacher; that the bond between teacher and student assists in more open and taboo dialogue; that there are still challenges, especially in the relationship between family and school, thus necessitating a better approximation for this education to take place effectively. Based on the above, it is concluded that counseling is the best strategy to work on prevention of these diseases, giving space for students to open their doubts openly, contributing to a more conscious sexual life.

Key words: Sexually transmitted infections. Methodological strategies. Teachers. Elementary School

INTRODUÇÃO

A abordagem da temática sexualidade para crianças e adolescentes constitui um desafio para a escola, pois, diante dos diferentes contextos em que se encontram inseridos, muitas vezes são orientados inadequadamente e recebem informações desvirtuadas e preconceituosas, o que pode ocorrer, tanto no ambiente doméstico, como pela influência dos meios de comunicação e redes de interações.

Neste contexto, vários fatores contribuem para intensificar a curiosidade sobre a sexualidade que é peculiar a esta fase da vida: a mídia, as redes sociais, as diferenças nas relações de gênero, a erotização do corpo, menarca precoce, trazendo com isso uma necessidade de profissionais melhor qualificados e sensibilizados para trabalhar os diversos conteúdos que abrangem a temática educação sexual para adolescentes, dentre eles a gravidez, e a prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (IST) (VIEIRA, 2016).

Estudo demonstra que o conhecimento limitado a respeito da gravidez precoce e das IST, dentre elas o papiloma vírus humano (HPV) entre a população jovem, contribui para a passividade e aumenta a probabilidade de exposição destes jovens a comportamentos de risco (MACEDO et al, 2015).

Desta forma, é necessário que professores estejam capacitados e que se disponham para a falar para adolescentes sobre diversos aspectos que abrangem a temática sexualidade, contribuindo assim para o esclarecimento deste público.

Constata-se a existência de certo grau de dificuldade de boa parte das escolas em aderir à diretriz curricular que orienta a inserção da educação sexual como tema transversal. Os motivos desta dificuldade são inúmeros: resistência de muitos docentes de outra áreas, que transferem a responsabilidade, para os professores de ciências ou biologia; relações de confiança fragilizadas entre aluno e o professor, o aluno não se sente à vontade em externar suas dúvidas; alguns professores têm tabus e preconceitos e não se sentem confortáveis em abordar tal conteúdo em sala de aula, não se sentem capazes, referem não possuir conhecimentos, deixando assim um déficit na educação sobre sexualidade (REBOUÇAS,2015; ALTMANN, 2013).

Importante ressaltar que, mesmo nas disciplinas de ciências e biologia, espaço em que conteúdos sobre sexualidade são comumente tratados, as abordagens se limitam ao aspecto biológico e não oportunizam uma compreensão ampliada que envolvam, desde discussão sobre gênero, até o uso correto de preservativos (DE CICCIO; VARGAS, 2013).

Falar em educação sexual apenas nas aulas de ciências e biologia não abrange a magnitude desta temática, é necessário que a transversalidade seja exercida pelas demais áreas do conhecimento com o intuito de que a sexualidade no sentido amplo seja contemplada nestes momentos, envolvendo assim todo seu processo histórico-cultural e todos os seus significados ao longo desse tempo (ZANATA et al, 2016).

Considerando a educação sexual como fator essencial ao desenvolvimento seguro da sexualidade na adolescência, tendo a escola como cenário propício a este trabalho e o professor como peça chave para sua execução, este artigo teve por objetivo identificar estratégias metodológicas utilizadas por professores nas abordagens sobre IST no ensino fundamental.

METODOLOGIA

Pesquisa qualitativa, recorte da tese de doutorado intitulada “Práticas docentes sobre IST’s, no ensino fundamental”, vinculada ao programa de pós-graduação em Educação em Ciências: química da vida e saúde com associação de IES da UFRGS, desenvolvida na cidade de Petrolina, Pernambuco, tendo como cenário quatro escolas, uma privada e três públicas.

Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada aplicada a 13 professores que atenderam aos critérios de inclusão de atuar nos 8º e 9º anos do ensino fundamental nas disciplinas de português, matemática, história, geografia, ciências e artes.

A organização dos dados foi embasada no método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014), método que consiste na organização dos dados verbais obtidos, em que categorias são criadas a partir das expressões-chaves retiradas dos discursos dos entrevistados, onde o pensamento coletivo é agrupado.

A estruturação dos dados foi desenvolvida em três etapas: pré-análise (organização), análise (categorização e construção do discurso do sujeito coletivo) e interpretação, utilizando literatura na análise referente a orientação sexual, os PCN, ensino de ciências e IST nas escolas. Utilizou-se o DSCsoft, um software para o desenvolvimento de pesquisas qualiquantitativas através da utilização do método do Discurso do Sujeito Coletivo para organização, categorização e criação dos discursos dos sujeitos coletivos.

Este estudo não mostrará os discursos individuais e as expressões chaves, e sim os DSC que as contém, representados pela abreviatura, DSC. Os mesmos foram discutidos e interpretados através da literatura vigente e da Sociologia compreensiva com noções do cotidiano.

O projeto de pesquisa atendeu às exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Vale do São Francisco sob parecer Nº 1.775.525. Para preservar o anonimato, os participantes foram identificados por nomes de escritores brasileiros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Grupo constituído por 13 professores, 08 do sexo feminino e 05 do sexo masculino e idade entre 29 e 53 anos, maioria de cor branca autodeclarada (05), predominantemente católicos (8) e estado civil casados (06). Quanto à escolaridade 11 tinham pós-graduação na área de educação, atuavam nas disciplinas de português (02) matemática (04) ciências (03) história (03) geografia (1) e artes (1). Havia 01 professor que lecionava duas disciplinas (português e artes).

Os discursos construídos com base nas Ideias Centrais e Expressões Chaves de suas respostas, originaram as categorias: diferentes estratégias para abordar IST em sala de aula, interesse e criatividade para trabalhar temas transversais, a interação como facilitadora no processo ensino/aprendizagem, desafios no exercício da docência, o diálogo como oportunidade para informações sobre IST, as diferenças entre os gêneros norteiam abordagens sobre IST.

Diferentes estratégias para abordar IST em sala de aula

As respostas dos professores à pergunta: como as IST'S são abordadas em sala de aula? Estão expressas no DSC 1

Depende de cada professor, através de vídeo, um filme apropriado para idade deles, palestra, aproveitei a temática do gênero textual para trabalhar a questão da orientação sobre a prevenção e o uso do preservativo, trabalho texto reflexivo, músicas, teatro, narrativas, usei panfletos, debates, fiz um levantamento gráfico de quem tomou a vacina, as reações, teve toda uma discussão em sala de aula, também pedi para trazerem a caderneta de vacinação para a gente discutir na sala, temos um laboratório bem interessante, tem prótese, temos mapas, aqueles catálogos com todas as doenças, o diálogo, a conversa informal, coloco eles para fazerem aulas práticas, não só teóricas, procuro dinamizar as aulas de acordo com a realidade dos alunos, você tem que ter todo um mecanismo de como conversar com eles, de como abordar esse assunto para eles, uma conversa com o aluno, procurando ser bem claro sobre o tema **(Adélia Prado, Ariano Suassuna, Eliane Brum, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Cora Coralina, Jorge Amado, Lígia Fagundes Teles, Machado de Assis, Marcelo Rubens Paiva, Nelson Rodrigues, Rachel de Queiroz)**.

Utilizar de metodologias que incluam o lúdico têm sua importância pois possibilita a participação, a imaginação e a interação dos educandos. Esse tipo de estratégia metodológica que inclui jogos e teatros, amplia o empenho em participar e aumenta a compreensão sobre qual for o conteúdo abordado. Além disto favorece interações entre os sujeitos, como a aproximação entre professores e alunos, é também um aspecto que pode ser desenvolvido com a utilização de recursos lúdicos (CUNHA; ALVES, 2015).

O discurso aponta que os professores conseguem se vê utilizando das mais diversas estratégias para trabalharem com educação sexual, alguns até sinalizando que já trabalharam de alguma forma, mesmo que pontualmente.

Para o desenvolvimento de abordagens sobre educação sexual a fim de que haja uma completa compreensão dos alunos sobre a temática abordada, faz-se necessário o uso de estratégias metodológicas bem elaboradas. O discurso mostra que os recursos empregados podem variar de acordo com cada professor, havendo a possibilidade de utilizar vários métodos lúdicos, incluindo o uso de próteses durante as explicações, e até debates.

Interesse e criatividade para trabalhar temas transversais

Ainda sobre a pergunta como as IST'S são abordadas em sala de aula, as respostas deram origem ao discurso:

Aqui existem projetos e o professor ele tem liberdade para trabalhar os temas transversais, como tem o eixo doenças, aproveitamos e trabalhamos IST, e outros temas da atualidade. Os alunos adoram. Seria interessante se todas as disciplinas trabalhasse um pouco esse tema, eles iriam gostar, o professor tem que estar aberto a abordar todo tipo de assunto, quando se tem interesse, não é difícil, hoje você pega um livro de matemática, história, geografia, ele vem com aquela contextualização, onde permite que a gente contribua com a disciplina do outro e a gente constrói, muitas vezes um conhecimento dando sinônimo aos outros, então facilita (Ariano Suassuna, Eliane Brum, Adélia Prado, Nelson Rodrigues).

O professor tem liberdade para trabalhar a educação sexual, independente da matéria que leciona, ele pode incluir as temáticas nas suas aulas relacionando-as com algum dos conteúdos do programa da disciplina de modo a promover uma discussão ampla e contextualizada do tema.

Ao falar sobre sexualidade na escola, é importante que haja a inserção da temática em todas as disciplinas, acabando assim com a fragmentação do conhecimento e com a transferência de responsabilidade em trabalhar este conteúdo para os professores de ciências/biologia, colocando em prática o que preconiza o PCN.

Dessa maneira, a prática de ensino deve ser reorganizada com a intenção de tratar falar sobre o assunto de forma integrada na escola, fazendo-o perpassar

todas as áreas de conhecimento, torna o tema transversal, auxiliando desta forma em uma abordagem sobre sexualidade de forma completa, abrangendo todos os seus aspectos e contextos, se encaixando na realidade dos estudantes, e não de forma engessada (BORGES; MOURA FERREIRA, 2015).

A interação como facilitadora no processo ensino/aprendizagem

O discurso a seguir, teve origem a partir das resposta dos docentes quando questionados sobre como era sua relação com os alunos?

Tenho uma relação muito boa com meus alunos, porque nessa fase da puberdade eles perguntam, a gente conversa, eles têm a liberdade de conversar sobre qualquer assunto, saber o que está acontecendo em casa, muitas vezes eles desabafam um problema que não desabafam com os pais, às vezes você planeja uma aula e ela sai diferente, porque alguém perguntou alguma coisa e era de cunho mais pessoal, você para e vai ali tentar ajudá-los nas inquietações deles, sempre oriento olha, tenta conversar em casa, não conversa na rua só não, conversa com o seu pai, eles se sentem à vontade em conversar comigo sobre assuntos relacionados à sexualidade, doenças, orientação mesmo, eu tento ser não somente professor, mas um amigo, são uns meninos que se você aborda um assunto interessante, eles interagem, cabe aos professores que são os que estão mais próximos das crianças abordar e trabalhar com esse tema, não tenho problema em falar sobre qualquer assunto não, falo tranquilamente, acho que como educador a gente tem que está aberto a tudo, acredito que a partir do momento que você se vê envolvido afetivamente com o outro, você participa melhor, torna-se necessário uma abordagem mais próxima do problema que ele esteja passando para que ele se sinta motivado a comentar, a gente vai tentando fazer um trabalho mais individualizado, eu me jogo, me lanço e faço, eu gosto deles, eles se abrem com o professor sem problemas, o que não acontecia antigamente (Adélia Prado, Ariano Suassuna, Eliane Brum, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Cora Coralina, Jorge Amado, Lígia Fagundes Teles, Machado de Assis, Marcelo Rubens Paiva, Nelson Rodrigues, Rachel de Queiroz, Zélia Gattai).

O discurso mostra como potencialidades a boa relação entre professores e alunos, que os alunos dispõem de liberdade para questionar sobre qualquer tema e se sentem à vontade para dialogar com eles sobre assuntos relacionados à sexualidade, doenças, orientação sexual, e outros.

Indo de encontro ao estudo de Rufino, et al (2013), onde os professores em sua maioria não falam sobre sexualidade e seus aspectos, quer seja por não se sentirem preparados e sem conhecimento adequado, quer seja pela dificuldade metodológica para abordar os conteúdos durante as aulas.

Professores aptos a criar e conservar um vínculo de confiança com o jovem tem mais facilidade de abordar temas referentes a educação sexual dentro da sala de aula (QUEIROZ; ALMEIDA, 2017). Na perspectiva de conseguir abranger esta temática, torna-se necessários que estes professores estejam dispostos a saírem de sua zona de conforto que sua área/disciplina lhes favorecem e se permitirem ampliar seus conhecimentos sobre o assunto, além de se despirem de conceitos pré-concebidos (NOGUEIRA et al, 2016).

Desafios no exercício da docência

Em resposta à pergunta quais os desafios em ser professor, temos o discurso:

São muitos desafios, o professor tem que se virar, preparar uma aula que abra espaço para discussão, para tirar as dúvidas; infelizmente a parceria família/escola ainda não funciona, porque a escola não tem como assumir todas as questões só, vejo esses meninos bem soltos, hoje a gente não é só professor, a gente acaba assumindo o papel dos pais, os pais “tão” sempre ausentes, são alunos que demonstram uma carência afetiva grande, o que de fato expõe eles à algumas vulnerabilidades, é grande o número de alunos que se automutilam, muitas meninas se riscam, é o termo que elas usam, elas dizem que uma dor física consegue superar uma dor emocional, e aí a gente percebe que alguma coisa está errada; ausência de limites, da educação familiar, que a gente é que tem que está dando, e é difícil dividir o papel, porque aí a gente acaba não fazendo nenhum dos dois papéis completos; concorrer com a internet, a questão das mídias sociais, diante de tanta tecnologia, você com os seus recursos ser atraente e abordar aquilo

que a grade exige e que o aluno está esperando, trazer eles para mim na hora da aula, é uma luta; os recursos que são poucos, gostaria de ter melhores, condições para fazer aula de campo, a gente fica muito preso à sala de aula, é uma dificuldade; a política de aprovar o aluno independente que seja bom ou ruim, um problema grande; falta de estudo, a grande maioria não cumpre com as atividade para casa, é difícil; também não consigo entender a burocracia da autoridade na educação, acho que o professor está perdendo espaço; outro desafio são as salas de aula com números elevados de alunos; a grande questão é tentar equilibrar tudo que se tem, a escola não pode tudo sozinha, a família não pode tudo sozinha, acho que quando tem essa integração bem próxima, acontece coisas bem interessantes (Ariano Suassuna, Eliane Brum, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Cora Coralina, Jorge Amado, Lígia Fagundes Teles, Machado de Assis, Marcelo Rubens Paiva, Nelson Rodrigues, Rachel de Queiroz, Zélia Gattai).

Trabalhar a educação sexual e seus aspectos é uma tarefa árdua. O discurso retrata as dificuldades/desafios enfrentadas pelos docentes em abordar a temática, mostra que muitas famílias não dialogam com seus filhos sobre o assunto, seja por falta de tempo ou de interesse, acreditando que o papel cabe inteiramente a escola; a falta também de diálogo e de uma relação saudável está afetando, não apenas a conscientização destes jovens quanto a prevenção de doenças, mas também a sua saúde mental, acarretando em fragilidade emocional, depressão, mutilações, e em casos mais severos, suicídios; além da repercussão em problemas escolares, como desrespeito aos professores e colegas de classe.

Os benefícios da relação mútua, entre escola e a família, são comprovados, mas ainda existem barreiras para a construção eficaz dessa relação. Com a ausência de famílias na educação das crianças, a falta de diálogo em casa persiste, tornando o papel do professor mais desgastante. Outrossim, a falta de conhecimento do professor sobre a realidade vivida pelos seus alunos, estabelece-se como uma barreira entre seus métodos de ensino e o hábito de vida dos discentes, sabe-se que o ideal seria uma parceria entre escola e família, para que o aprendizado se dê de uma melhor forma e se consiga minimizar o déficit que existe na abordagem da educação sexual junto aos nossos jovens (SARAIVA; WAGNER; 2013; MACEDO et all, 2013)

O diálogo como oportunidade para informações sobre IST

Quando questionados se os alunos já haviam relatado alguma experiência com IST, as respostas compuseram o discurso:

Alguns sim para falar dos assuntos, virgindade, IST, para dizer que a menina é rodada, infelizmente eles têm o machismo aflorado, por isso é importante estes momentos para passarmos informações, transformar esses pensamentos machistas e fazer com que eles se previnam contra essas doenças, para que eles despertem a consciência para a prevenção, o que fazer para que não aconteça com eles, acredito que a conversa é à base para a prevenção, para orientação, assegurar que a doença existe, que tem controle e que pode ser evitada, prevenir contra o câncer as meninas e prevenir para não passar para os outros também, os meninos, nessa fase da puberdade eles querem perguntar, chegam e perguntam sim e isso ajuda para prevenir, não só o Câncer do colo do útero, mas também a transmissão para a população , precisamos aproveitar estes momentos de dúvidas e conversas e orientá-los, é um assunto pertinente, que tem que começar a falar desde cedo, já no fundamental 1, já tem que ir orientando essas crianças a se cuidar , a se prevenirem (Adélia Prado, Ariano Suassuna, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Lígia Fagundes Teles, Machado de Assis, Marcelo Rubens Paiva, Nelson Rodrigues, Zélia Gattai).

No discurso os professores refletem sobre ideias e comportamentos aprendidos que refletem diferenças entre os gêneros e a dominação masculina, torna perceptível a importância de seguir o que o PCN preconiza e trabalhar a educação sexual na grade curricular escolar.

Com a inserção da temática nas aulas cotidianamente, a promoção de saúde e prevenção de doenças seria contemplada, a probabilidade de uma redução no índice de ISTs por estes jovens, aumentada, eles ganhariam mais espaço para discussão e esclarecimento de suas dúvidas, levando conseqüentemente a uma redução de comportamentos de riscos e quebra na replicação destes comportamentos.

Torna-se necessário conscientizar e orientar os adolescentes de modo que os mesmos promovam mudanças para uma prática sexual sadia, a ausência de

diálogo intrafamiliar, bem como a não abordagem deste conteúdo nas escolas, os tornam susceptíveis a comportamentos de risco, reforçando assim a importância da educação sexual como forma de modificar esta realidade (VIEIRA, 2017).

Quando a escola oferece educação sexual de forma permanente em seu currículo, já se percebe de forma significativa uma mudança de comportamento destes adolescentes, tanto em escolas públicas, quanto em escolas privadas, estes jovens passam a demonstrar maior interesse sobre a temática, participam mais ativamente destas discussões, colaborando de forma efetiva para uma aprendizagem significativa sobre a temática (SILVA, 2015).

As diferenças entre os gêneros norteiam abordagens sobre IST

Quando questionados sobre o cotidiano desses alunos e suas relações com escola, família e amigos, as respostas deram origem ao discurso:

A família é bem ausente, não me recordo deles falando da família, geralmente eles não falam com a família, a família eles mantêm de fora. não se abrem com eles não, é mais com os colegas se for uma mulher então, fica aquela questão da mãe, da preocupação, mais não falam, já os meninos, eles já tem mais aquela coisa que é de dizer ah eu sou o machão, sou o homão, eles são mais próximos dos amigos e de alguns professores, eu sou um deles, muitos me procuram para conversar, tirar dúvidas, fazer questionamentos, por uma questão de cuidado, os meninos eu trato tranquilamente, agora as meninas eu prefiro encaminhar para uma professora, as vezes acontece coisas e eles não tem a proximidade de conversar com o pai, com o amigo, irmão, da forma como tem comigo, nós professores do sexo masculino, os meninos principalmente eles se aproximam mais de querer tirar a dúvida, as meninas não se aproximam tanto e quando veem eu encaminho para uma professora, para ela ficar mais à vontade, os meninos são mais chegados aos amigos e aos professores mesmo, nunca procuram uma professora para conversar e vice versa (Adélia Prado, Ariano Suassuna, Jorge Amado, Machado de Assis).

A questão de gênero é algo evidente em nossa sociedade, em que há uma distinta separação entre meninas e meninos em determinados assuntos. O discurso retrata essa realidade dentro da escola, em que o professor homem assume a

responsabilidade de conversar e tirar dúvida dos meninos, enquanto repassa a dúvida de meninas para uma professora.

Além disso, fala também sobre a necessidade de ter alguém para discutir e questionar esses assuntos, em razão de que a maioria não se sente confortável para falar com os pais ou apresenta um relacionamento distante, prejudicando o diálogo que deveria ser estabelecido na relação pai e filho. Isso contribui para que essas dúvidas sejam levadas para a escola, sendo conversadas com os amigos ou professores.

Ao longo da história as relações sociais entre homens e mulheres sofreram modificações, contudo as diferenças de gênero ainda podem ser percebidas, inclusive influenciando o ambiente escolar (LEAL et al, 2017).

Torna-se necessário ao discutir as questões de gênero no ambiente escolar, a ponderação se esta temática é trabalhada ou não com os docentes em seu processo de formação, segundo Finco (2013) : “[...] o que percebemos, ao analisar as pesquisas sobre a formação acadêmica ou sobre a formação de educadores/as em exercício, é que esta não tem respeitado a diversidade, tampouco contemplado o debate sobre a temática de gênero, principalmente no âmbito da Educação Infantil”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que é necessário que os docentes ultrapassem as várias limitações para incluir temas como IST e educação sexual dentro do contexto escolar de forma leve, visando educar para prevenir através de um ensino baseado no diálogo e na construção de uma relação de confiança entre professor e aluno.

A necessidade de tratar a educação sexual levando em conta a integralidade do aluno no ensino fundamental mostra que é preciso conhecer o cotidiano deste jovem para posteriormente intervir de forma eficaz.

Isso pode ser alcançado ao observar a relação que este adolescente tem com sua família e se assuntos como este estão sendo discutido dentro de casa, questionando qual o conhecimento do aluno a respeito do tema. Desta forma, o profissional poderá criar um plano de aula que discorra de forma inovadora e interativa sobre a temática, fazendo com que os estudantes se sintam contemplados.

Compreende-se que as estratégias apresentadas nos fazem pensar sobre o trabalho articulado entre escola e família na formação e na transmissão de informações sobre educação sexual para crianças e adolescentes.

Pôde-se observar também que ainda há dificuldades a serem sanadas para se trabalhar sobre educação sexual nas escolas de ensino fundamental, a exemplo da resistência de muitas famílias e a relutância dos professores para falar sobre isso em sala de aula, muitos ainda referem-se incapazes, constrangidos e que necessitam de uma capacitação para trabalhar com a temática.

Desta forma, torna-se necessário que a educação sexual nas escolas ocorra de forma efetiva e transversal, de modo a sanar a ausência dessa discussão no âmbito familiar, promover a conscientização e empoderamento destes adolescentes para que possam exercer de forma plena sua sexualidade e minimizar os fatores de risco que ausência de um conhecimento amplo sobre o assunto pode acarretar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 - ALTMANN, H. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 69-82, 2013.

2 – BORGES, J. P. A.; MOURA-FERREIRA, M.C.de. Orientação sexual para adolescentes: conhecimento e prática de docentes das escolas públicas. **Rev Enferm Atenção Saúde** [Online]. Jan/jun 2015; 4(1):89-96

3 - BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (5a A 8a SÉRIES). Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / **Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, 1998.

4 - CUNHA, A. L. R. S; ALVES, J. M. Ludicidade e subjetividade em pesquisas no ensino de biologia. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, 10., 2015, Águas de Lindóia, SP. **Anais eletrônicos**, Águas de Lindóia: ENAPEC, 2015. Disponível em:< <http://www.abrapecnet.org.br/enpec/x-enpec/anais2015/resumos/R1246-1.PDF>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

5 - DE CICCO, R. R.; VARGAS, E. P. Gênero, Sexualidade e DST: perspectivas para o campo do ensino de ciências. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10, 2013, Florianópolis. **Anais Eletrônicos**, Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível

em:<http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381507947_ARQUIVO_RobertaRibeiroDeCicco.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2018.

6 - FINCO, Daniela. Infância, cidadania e igualdade de gênero – desafios para a educação infantil. Santiago - Chile. 2013.

7 - GOMES, M. R. P. **As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e suas orientações para as Tecnologias de Informação e Comunicação na sala de aula: a importância dos planejamentos pedagógicos em tempos de Cultura Digital**. 2015. 34f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em:<<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/139327>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

8 – LEAL, et all. A questão de gênero no contexto escolar. **Leopoldianum**. Ano 43. 2017.nº121.

9 - LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 502-507, abr./jun. 2014

10 - MACEDO, S. R. H. et al. Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 66, n. 1, p. 103-109, 2013.

11 - NOGUEIRA, N. S. et al. Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. **Revista HOLOS**, v. 3, p. 319-327, 2016.

12 - QUEIROZ, V. R.; ALMEIDA, J. M. Sexualidade na adolescência: potencialidades e dificuldades dos professores de ensino médio de uma escola estadual de Sorocaba. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, v. 19, n. 4, p. 209-214, 2017.

13 - REBOUÇAS, S. B. B. **A política curricular integrativa: uma análise crítico-hermenêutica sobre os atos de currículo presentes na integração/organização curricular no contexto da educação básica**. 2015. 137f. Tese de doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em:<<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17052>>. Acesso em: 27 jul. 2018

14 – RUFINO, C. B. et all. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet]. 2013 out/dez;15(4):983-91. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i4.19941> Acesso em: 11 dez.2018

15 - SARAIVA, L. A.; WAGNER, A. A relação família-escola sob a ótica de professores e pais de crianças que frequentam o ensino fundamental. **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 81, p. 739-772, 2013.

16 - SILVA, R. Quando a escola opera na conscientização dos jovens adolescentes no combate às DSTs. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 31, n. 57, p. 221-238, 2015.

17 - VIEIRA, K. J. Projeto de intervenção para prevenção de gravidez e DST na adolescência nas escolas no município de São João da Mata/MG. 2017. 13f. **Trabalho de conclusão de curso** (Curso de Especialização em DST, Aids e Hepatites Virais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Minas Gerais, 2017. Disponível em: <<http://monografias.ufrn.br:8080/jspui/handle/123456789/6483?locale=en>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

18 - VIEIRA, S. B. DE F. SEXUALIDADE E ADOLESCÊNCIA: concepções acerca da educação sexual no ambiente escolar. **Dissertação** apresentada ao programa de pós graduação em Ciências da Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa. 2016

19 – ZANATTA, L.F. et all. A educação em sexualidade na escola itinerante do MST: percepções dos(as) educandos(as). **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 443-458, abr./jun. 2016

4.3 DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: MOTIVAÇÕES E INTERESSES

DOCÊNCIA NO ENSINO FUNDAMENTAL: MOTIVAÇÕES E INTERESSES

TEACHING IN FUNDAMENTAL TEACHING: MOTIVATIONS AND INTERESTS

RESUMO

Este estudo teve como objetivo discutir motivações e interesses de professores no desempenho docente no ensino fundamental. Método: estudo qualitativo, teve como cenário quatro escolas. Com 13 participantes. Atendeu às exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Vale do São Francisco sob parecer Nº 1.775.525. Utilizou-se a entrevista semiestruturada como instrumento de coletados dados. A organização dos mesmos foi embasada no método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), sua interpretação e análise ocorreu através da literatura vigente. Pode-se constatar que a docência exercida pelos participantes, é exercida com prazer, apesar dos limites e dificuldades inerentes a profissão. Que independente de ter sido uma escolha ou a falta dela, ser professor para estes docentes é exercer com satisfação o ofício que abraçaram. Desta forma a motivação é essencial para o processo de ensino aprendizagem e a escola como espaço co-criador desse processo deve potencializar esse espírito motivacional tanto em seus alunos quanto em seu corpo docente visando alcançar uma aprendizagem plena e efetiva.

Palavras Chaves: Professores. Motivação. Docência. Ensino Fundamental

ABSTRACT

This study aimed to discuss motivations and interests of teachers in teaching performance in elementary school. Method: qualitative study, had as a scenario four schools. With 13 participants. It met the requirements of Resolution 466/12 of the National Health Council, with the approval of the Research Ethics Committee of the Federal University of the São Francisco Valley under opinion No. 1,775,525. The semi-structured interview was used as an instrument for collecting data. Their organization was based on the Collective Subject Discourse (DSC) method, their interpretation and analysis occurred through the current literature. It can be verified that the teaching carried out by the participants is carried out with pleasure, despite the limits and difficulties inherent in the profession. That regardless of having been a choice or lack thereof, being a teacher to these teachers is to exercise with satisfaction the craft they have embraced. In this way, motivation is essential for the learning teaching process and the school as co-creator of this process must

potentiate this motivational spirit both in its students and in its faculty in order to achieve a full and effective learning.

Key Words: Teachers. Motivation. Teaching. Elementary School

INTRODUÇÃO

Para o desenvolvimento de toda e qualquer atividade, é necessário que se tenha uma motivação, a qual funda-se no “querer-ser”, ou seja, existe a necessidade de uma intenção e um objetivo que fortifiquem a sua execução (PATTI et al., 2017), motivação, interesses e objetivos (SOUZA, 2012). A motivação na realidade educacional é reflexo dos comportamentos individuais que são atrelados com o processo pedagógico, ou seja, quando motivados, os professores têm uma produtividade no tocante a suas práticas pedagógicas e os alunos também são motivados ao conhecimento (PINTO, ROSADO, 2012).

O indivíduo não se manifesta diante de uma determinada situação, caso essa não o faça se dispor à evolução, em um dado contexto, onde, “a motivação torna-se, assim, elemento imprescindível para que determinado processo e seus resultados, em qualquer aspecto, sejam satisfatórios” (PINTO, ROSADO, 2012).

A importância do educador é extremamente fundamental para o desenvolvimento do aluno, onde, de forma intermediada, há influencia na construção de habilidades, comportamentos e atitudes; a motivação do professor tem grande papel nessa construção.

“Professores motivados se preocupam com suas ações em sala de aula, refletem sobre sua metodologia de ensino, buscam novos caminhos e estratégias pedagógicas para melhor atender à necessidade dos alunos” (SOUZA, 2012).

A motivação do professor é fundamental para o bom andamento da qualidade de ensino, é um dos pilares da investigação em psicologia e encontra-se relacionado com todos os contextos de trabalho e, não sendo diferente, também, na educação (VISEU 2015)

A motivação do profissional da educação está relacionada diretamente com as políticas pedagógicas, onde a qualidade profissional dar-se através da formação como expresso a seguir:

“Pensar em educação implica refletir em formação docente e na prática pedagógica com qualidade e, portanto, entender a formação do professor. Estamos em um período de evidentes transformações e dúvidas na qual se observa um grande apreço à produtividade e competitividade em diversas partes da vida humana, inclusive na educação, bem como na figura do educador e nos saberes, os quais devem basear sua prática pedagógica (MARGUTTI, 2016, p.4843.)”

Vale ressaltar que desde o período colonial já se tinha a figura dos jesuítas como professores, ao passar dos anos, no período imperial formalizou-se a função ainda através dos cursos chamados “normais”, no período do governo militar, na década de 1970 se instituiu a habilitação em magistério de segundo grau e somente a partir de 1996 que a licenciatura em pedagogia e/ou docência foram, verdadeiramente, tratadas como curso do ensino superior (PIMENTA, 2017).

A Lei 5.692/71 (BRASIL, 1971) que fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus ainda tem vigência já que a Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996) não revoga de forma positivada a lei anterior, já que ambas definem as diretrizes e bases educacionais, mesmo que em tempos diferentes, as duas dispõem de necessidades estruturais e político-pedagógicas de contingente de professores, não presando pela qualidade do ensino e didática que os professores venham a ter.

Ainda nesse contexto, as leis reforçam em suas bases curriculares o aprendizado e ensino generalista do conhecimento, essa polivalência dos profissionais que atuarão no ensino fundamental, não garantindo durante a formação sua capacitação para uma atuação interdisciplinar e com ênfase em metodologias. Segundo Gatti (2016) mesmo com a evolução da formação dos professores os pedagogos e docentes licenciados a lecionar no ensino primário e fundamental, ainda são tratados como professores polivalentes, mesmo que as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do curso de pedagogia de 2006 não os relacionem mais dessa forma.

Isto se dá devido as necessidades não supridas da política de ensino do País, onde na maioria das vezes o profissional, ainda na formação, não aprende a lidar com a interdisciplinaridade e acabam por se limitar no campo do ensino (PIMENTA, 2017).

Percebe-se que ainda hoje existe uma procura considerável para a profissionalização na área da docência e pedagogia. Margutti (2016) afirma que a

maioria destes profissionais gostam do que fazem e têm como motivação uma tradição sociocultural e o senso comum que podem ser entendidas na expressão popular do “ter nascido para”, a que se soma a ideia de prestação de um serviço “pessoal” e “humanitário”, que podem se traduzir em entrega e sacrifício (RODRIGUES, 2018).

Como já referido, o gostar é importante não somente como motivador durante a escolha da profissão, mas como necessário ao exercício da docência, esse gosto é considerado ínsito ou desde a infância, o “gosto pela profissão” é relacionado muitas vezes com um “gosto por estudar, por ensinar, formar, transmitir e partilhar conhecimentos” (MARGUTTI, 2016; PIMENTA, 2017; RODRIGUES, 2018).

O gosto pela escola e pela educação são de suma importância para o desenvolvimento das relações positivas ou negativas futuras que os docentes passam a estabelecer com o conhecimento e conexão com outros valores relacionados às atividades do professor o prazer ou desprazer pela leitura, literatura e escrita, as curiosidades e escolhas vocacionais (PIMENTA, 2017; MARGUTTI, 2016).

Portanto, considerando a influência positiva na formação do cidadão/cidadã, este estudo teve por objetivo avaliar a percepção dos docentes sobre suas práticas escolares no ensino fundamental.

METODOLOGIA

Pesquisa qualitativa, recorte da tese de doutorado intitulada “Práticas docentes sobre IST no ensino fundamental” vinculada ao programa de pós-graduação em Educação em Ciências: química da vida e saúde com associação de IES da UFRGS, desenvolvida na cidade de Petrolina, Pernambuco, tendo como cenário quatro escolas, uma privada e três públicas.

Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada aplicada a 13 professores que atenderam aos critérios de inclusão de atuar nos 8º e 9º anos do ensino fundamental nas disciplinas de português, matemática, história, geografia, ciências e artes.

A organização dos dados foi embasada no método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014), técnica que consiste na organização

dos dados verbais obtidos, em que categorias são criadas a partir das expressões-chaves retiradas dos discursos dos entrevistados, onde o pensamento coletivo é agrupado.

A estruturação dos dados foi desenvolvida em três etapas: pré-análise (organização), análise (categorização e construção do discurso do sujeito coletivo) e interpretação, utilizando literatura na análise referente a orientação sexual, os PCN, ensino de ciências e IST nas escolas. Utilizou-se o *DSCsoft*, um software para o desenvolvimento de pesquisas quali-quantitativas através da utilização do método do Discurso do Sujeito Coletivo para organização, categorização e criação dos discursos dos sujeitos coletivos. Os mesmos foram discutidos e interpretados através da literatura.

O projeto de pesquisa atendeu às exigências da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Vale do São Francisco sob parecer Nº 1.775.525. Para preservar o anonimato, os participantes foram identificados por nomes de escritores brasileiros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Grupo constituído por 13 professores, 08 do sexo feminino e 05 do sexo masculino e idade entre 29 e 53 anos, maioria de cor branca autodeclarada (05), predominantemente católicos (8) e estado civil casados (06). Quanto à escolaridade 11 tinham pós-graduação na área de educação, atuavam nas disciplinas de português (02) matemática (04) ciências (03) história (03) geografia (1) e artes (1). Os discursos construídos com base nas Ideias Centrais e Expressões Chaves de suas respostas deram origem as categorias: a docência como falta de opção, o exercício da docência como realização profissional, limites e facilidades no exercício da docência.

A docência como falta de opção

Quando lhes foi pedido para falar sobre suas experiências/vivências de ser professor, as respostas deram origem ao discurso:

Caí na educação por acaso, não escolhi a educação, entrei porque fui forçada, não me via como professor, mas acabei me apaixonando, fiz faculdade por fazer, foi por falta de escolha, não queria, não me via com habilidades para isso, mas o que dava para fazer naquele período era o magistério, a licenciatura, não tinha outras opções, entrei por acaso na educação, mas não me arrependi, comecei com receio, mas vi que era daquilo que eu gostava, a vontade de dar aula só veio com o passar do tempo, a maturidade faz diferença, um olhar para o outro diferenciado, faço o que gosto (**Adélia Prado, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Cora Coralina, Eliane Brum, Machado de Assis, Marcelo Rubens Paiva, Rachel de Queiroz**).

Sabe-se que, na maioria das vezes, a profissão de professor não representa uma escolha, para alguns, a depender de onde residem, é um dos únicos cursos de graduação existente; mas, mesmo ainda sendo pouco valorizada social e economicamente, ser docente simboliza satisfação para boa parte dos que exercem essa profissão, mesmo com tantas dificuldades (RODRIGUES, 2018).

O discurso traz a fala daqueles professores que não tiveram uma opção em escolherem sua profissão, algo muito comum no interior do país há alguns anos atrás, onde as oportunidades de qualificação profissional eram sempre muito escassas, havendo por vezes apenas cursos relacionados com a docência disponíveis para aqueles que queriam cursar o terceiro grau, mas não tinham condições de tentar a vida universitária na capital mais próxima que dista 500km de sua cidade de origem.

Um ponto importante a ser enfatizado é o de que mesmo inicialmente não havendo sido uma escolha, todos os participantes referem que se “encontraram” na profissão, que gostam do que fazem. Gostar de sua atividade laboral, sentir-se produtivo, e satisfeito são fatores preponderantes para o desenvolvimento pleno de suas atividades.

O exercício da docência como realização profissional

Ainda sobre a questão sobre as experiências/vivências de ser professor e indo de encontro ao discurso anterior, existem aqueles docentes que se identificam com desde cedo com a temática, como deixa claro o discurso a seguir:

Eu sempre quis ser professor, foi escolha mesmo, brincava de ser professora com as bonecas, faço o que gosto, educação para mim é uma forma de viver, tem que ter dom, acho que está no DNA, tinha que ser professor, sempre fui motivado, comecei desde a faculdade, a partir daí foi aguçando essa vontade de ensinar, de transmitir conhecimentos, de lá para cá nunca mais parei. Graças a Deus entrei na educação, ser professor para mim me oferece paz, sossego, sou professor porque quero ser. (Ariano Suassuna, Jorge Amado, Lígia Fagundes Teles, Nelson Rodrigues, Zélia Gattai).

Os discursos trazem com clareza a satisfação, felicidade em ser docente, mostram que o reconhecimento enquanto docente se fez presente desde cedo para alguns. Estar motivado e gostar de sua atividade laboral é fator preponderante para se desenvolver suas atividades de forma efetiva e com qualidade.

Ao se analisar os motivos da escolha profissional pela docência, depara-se com um achado particular à investigação, pois ao invés de terem maior influência os fatores considerados extrínsecos à profissão (como falta de opção, empregabilidade, acesso rápido ao mercado de trabalho, entre outros), esses sofriam mais influências de fatores intrínsecos como o gostar da profissão e de ensino, e o “sentimento de abraçar a causa” como visto no DSC1 (MARGUTTI, 2016).

Pimenta (2017) avalia que o gosto por ensinar e ser professor são cruciais para o desenvolvimento das relações positivas que os professores venham a ter com os alunos, passando a estabelecer com o conhecimento e com outros valores relacionados à atividade docente, o prazer pela leitura e escrita, entre outros.

Limites e facilidades no exercício da docência

Outro discurso também originado a partir das experiências/vivências sobre ser professor, mostra que os desafios da mesma são inúmeros:

Eu procuro ter uma boa relação com o aluno, me preocupo em saber sobre a vida dele, minha disciplina favorece entrar em assuntos mais ligados a vida deles, abre possibilidades para se falar de outras experiências, realidades que a gente não imagina que nessa idade eles tivessem essa concepção, nosso papel enquanto professor é sermos orientador, está interagindo com esses alunos e percebo que atualmente está complicado, além deles estarem mais agitados, pouco se investe na qualificação profissional do professor, se queremos nos qualificar, tem que ser com recurso próprio (Ariano Suassuna, Jorge Amado, Lígia Fagundes Teles, Nelson Rodrigues, Zélia Gattai).

O discurso no traz o vínculo entre professor aluno como uma facilidade, a medida que o adolescente se sente acolhido e estabelece uma relação de confiança com o docente, ele pode utilizar desta relação para expor seus problemas e esclarecer suas dúvidas, reforçando a importância deste professor se reconhecer enquanto ator importante na orientações destes jovens.

É notório a ausência do bem-estar dos professores, muito relacionado com um aumento de cobranças e exigências que há sobre eles e associação com uma curva ascendente nas condições de práticas laborais e o exercício da docência. Vale ressaltar que embora a profissão professor seja uma fonte de satisfação e realização pessoal, em contrapartida está tomado de motivos de stress, desgaste e mal-estar (ALVEZ, AZEVEDO, GONÇAVES, 2014).

No tocante as limitações, o discurso faz referência as dificuldades em se lidar com estes alunos, no que diz respeito a agitação, no sentido de conseguir manter esse aluno focado no que acontece em sala de aula; uma outra dificuldade percebida é a ausência de incentivo a qualificações profissionais, onde o docente que tem algum interesse precisa arcar com todos os custos do processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos trabalhados anteriormente trazem a paixão pelo ensino. As falas deixam claro, que é preciso ser um apaixonado pela educação, pela busca e construção contínua do conhecimento, que atualmente só se trabalha com educação, quem realmente ama o que faz e que as dificuldades encontradas estão mais relacionadas a falta de reconhecimento e valorização profissional.

Esta falta de reconhecimento e valorização profissional podem ser refletidas no processo de aquisição da aprendizagem e no desenvolvimento pessoal e profissional do próprio professor, interferindo diretamente na qualidade do ensino e no processo de ensino/aprendizagem, trazendo um ônus para os alunos.

Sabe-se que só teremos uma educação de qualidade com a participação ativa e efetiva de todos os atores envolvidos nesse processo e para que essa participação se dê de forma satisfatória, estes atores necessitam de motivação.

Desta forma a motivação é essencial para o processo de ensino aprendizagem e a escola como espaço co-criador desse processo deve potencializar esse espírito motivacional tanto em seus alunos quanto em seu corpo docente visando alcançar uma aprendizagem plena e efetiva.

Outros estudos se fazem necessários para um aprofundamento mais sobre os desafios na atualidade no que diz respeito a motivações e interesse na carreira docente.

REFERÊNCIAS

1 - ALVEZ, M. G.; AZEVEDO, N. R.; GONÇALVES, T. N. R. Satisfação e situação profissional: um estudo com professores nos primeiros anos de carreira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, Ahead of print, 2014.

2 - BRASIL. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º grau e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 11 agosto 1971. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-5692-11-agosto-1971-357752-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 12 set. 2018.

3 - BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 1961.

Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 12 set. 2018.

4 - GATTI, B. A. Formação de professores: condições e problemas atuais. **Revista Internacional de Formação de Professores**, v. 1, n. 1, p. 161-171, 2016.

5 - LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 502-507, 2014.

6 - MARGUTTI, A. P. B.; MAGALHÃES JÚNIOR, C. A. O; CARVALHO, G. S. Bom professor de ciências nas séries iniciais: representações de licenciandos do 1º e 2º ciclo do ensino básico português. **Revista da SBEnBio**, n. 9, p. 4843-4853, 2016.

7 - MUHLSTEDT, A.; DIAS, L. R. A prática reflexiva do professor: entre os limites e as possibilidades no Colégio Estadual do Paraná. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Curitiba: SEED/PR., 2013. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_ufpr_ped_artigo_alexandro_muhlstedt.pdf>. Acesso em: 12 set. 2018.

8 - PATTI, I. A. et al. Percepção de professores do ensino médio acerca da motivação docente. **Revista Psicopedagogia**, v. 34, n. 103, p. 53-64, 2017.

9 - PIMENTA, S. G. et al. Os cursos de licenciatura em pedagogia: fragilidades na formação inicial do professor polivalente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 15-30, 2017.

10 - PINTO, S. G.; ROSADO, D. G. Motivação docente: reflexões acerca de sua importância no processo de ensino-aprendizagem. **FIEP Bulletin**, v. 82 (Special Edition), 2012. Disponível em: <<http://www.fiepbulletin.net/index.php/fiepbulletin/article/view/2514/4619>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

11 - RODRIGUES, G. O. et al. As influências no processo de escolha profissional: relato de experiência em escolas públicas do extremo-oeste catarinense. In: Seminário de Iniciação Científica, Seminário Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão e Mostra Universitária, 2018. **Anais eletrônicos**, Santa Catarina: SIEPE, 2018. Disponível em: <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/siepe/article/view/18654/9419>>. Acesso em: 12 set. 2018.

12 - SOUZA, A. **Motivação docente: uma pesquisa bibliográfica**. 2012. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012. Disponível em: <

<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/ANGELITA%20DE%20SOUZA.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2018.

13 - VISEU, J. N. et al. Motivação docente: estudo bibliométrico da relação com variáveis individuais, organizacionais e atitudes laborais. **Revista Latinoamericana de Psicología**, v. 47, n. 1, p. 58-65, 2015.

DISCUSSÃO

Vários desafios são enfrentados na tentativa de se tratar a temática educação sexual nas escolas, indo desde sua inserção como conteúdo fixo, compondo a grade curricular das diversas disciplinas, passando pelas diversas formas metodológicas mais apropriadas para que o público específico consiga ser atingido e indo além das atividades esporádicas como palestras e panfletagem, bem como se sobrepondo ao preconceito ainda inerente ao se trabalhar o conteúdo.

Trabalhar com adolescentes requer criatividade de modo a transformar o conhecimento e fazer a devida correlação da teoria com sua vida cotidiana. Desta forma, a escola deve procurar abordagens metodológicas lúdicas, que favoreçam, a interatividade deste jovem com o conteúdo, fornecendo informações claras e objetivas, ajudando a elaborar conceitos e se apropriar dos mesmos contribuindo para uma postura consciente e emponderada em relação ao exercício da sua sexualidade, bem como acerca dos demais conteúdos abordados dentro da educação sexual (SOARES et al; 2015).

Os professores deste estudo sentiram-se desconfortáveis e recuaram diante da responsabilidade de assumir conteúdos que não integravam parte do seu programa de disciplina e que não estarem capacitados, não possuem conhecimentos suficientes sobre as temáticas. Assim, passaram a responsabilidade aos professores das áreas específicas, com a justificativa de ser este um conteúdo de difícil abordagem para este público, cujo despreparo pode ocasionar constrangimento em sala de aula.

Estudos como o de Vieira e Matsukura (2017), corroboram com o achado nesta pesquisa sobre a questão de a educação sexual ficar restrita às disciplinas de ciências, no ensino fundamental, e biologia, no ensino médio. Embora a orientação das PCN seja para que esta abordagem se dê de forma transversal e interdisciplinar.

A escola precisa reivindicar para si, claro que gradualmente, a sua função importante neste processo educacional, contribuindo assim na valorização da abordagem e discussão da educação sexual de maneira a não fortalecer os tabus e preconceitos que envolvem esta temática na sociedade (SOARES et al; 2015)

As estratégias metodológicas expostas nesse estudo mostram que há diversas maneiras desta temática ser abordada, seja unindo escola e família nesta discussão, seja colocando em prática o preconizado pelas PCNs, tratando o assunto de forma transversal, onde os professores, em sua totalidade, insiram a temática dentro de suas disciplinas, contextualizando e integrando-a a vida cotidiana desse aluno.

Pôde-se observar também que ainda há dificuldades a serem sanadas para se trabalhar sobre educação sexual nas escolas de ensino fundamental, a exemplo da resistência de muitas famílias em apoiar a abordagem dessa temática na educação infantil, em sua grande maioria por uma concepção errônea do que seja o conteúdo e a forma de ser abordado, confundindo-o com o estímulo sexual precoce para estas crianças e adolescentes; e a relutância dos professores para falar sobre isso em sala de aula, muitos ainda referem-se incapazes, constrangidos e que necessitam de uma capacitação para trabalhar com a temática.

A educação sexual no Brasil, ainda é permeada de tabus e preconceitos, os adolescentes não se sentem confortáveis em externar suas dúvidas e expectativas em relação a temática. As famílias ainda tendem a associar à obscenidade, algo sujo, pecaminoso e proibido, tornando assim importante que a educação sexual ocorra de forma correta para assim desconstruir estes conceitos equivocados (GONÇALVEZ, FALEIRO E MALAFAIA, 2013).

Mas que apesar disto, os discursos mostram que a docência exercida pelos participantes, é exercida com prazer, mesmo com limites e dificuldades inerentes a profissão; que independente de ter sido uma escolha ou a falta dela, ser professor para estes docentes é exercer com satisfação o ofício que abraçaram.

Os discursos trabalhados trazem a paixão pelo ensino. As falas deixam claro, que é preciso ser um apaixonado pelo ensino, pela busca e construção contínua do conhecimento; que atualmente só se trabalha com educação, quem realmente ama o que faz e que as dificuldades encontradas estão mais relacionadas a falta de reconhecimento e valorização profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da realização deste estudo, alguns percalços foram enfrentados: o fato manter todas as minhas atividades e não ter me afastado para o processo de doutoramento, além de manter minhas atividades docentes junto a universidade, também mantive o meu cargo como chefe da unidade de ensino de graduação e técnico dentro da gerência de ensino e pesquisa do HU/EBESERH/UNIVASF; o não recebido pela maioria das escolas particulares; a demora em receber a anuência da secretaria de educação.

O tema abordado neste estudo teve por objetivo refletir sobre a educação sexual, em especial as IST's e as estratégias pedagógicas utilizadas por professores no ensino fundamental em salas de aula.

O estudo mostra que é necessário trabalhar no ambiente escolar com a educação sexual de maneira mais efetiva, cotidianamente e de forma contextualizada.

Torna-se necessário que os docentes ultrapassem as várias limitações para incluir temas como ISTs e sexualidade dentro do contexto escolar de forma leve, visando educar para prevenir através de um ensino baseado no diálogo e na construção de uma relação de confiança entre professor e aluno.

Abordar a educação sexual de forma integral abarcando todas suas dimensões requer dos professores sensibilização, disponibilidade e capacitação, e apesar da orientação existente nos PNC's e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para trabalhar a temática, esta atividade na prática não acontece como o esperado como pode-se observar em alguns discursos, vários professores referem a necessidade de capacitações e de não se sentirem aptos a trabalhar com a temática.

A dificuldade em se abordar temas ligados a sexualidade/educação sexual no cotidiano escolar é algo cultural e histórico, que pode ser observado de forma velada ao longo dos tempos. Para se promover alguma alteração nesta configuração, torna-se necessário que o processo de ensino-aprendizagem aborde temas da educação sexual e suas dimensões de forma natural, na tentativa de superação dos tabus e preconceitos tão inerentes a temática.

Os discursos mostram que todos os professores das diferentes disciplinas estavam sensibilizados e reconheciam a importância da educação sexual na

escola, mas a grande maioria não se sente preparada para abordar tal temática, repassando a responsabilidade para os professores de ciências e/ou biologia. Alguns até que tentam abordar o conteúdo em suas aulas, integrando-a a sua disciplina, mas afirmam que está integração não é fácil, motivo pelo qual estas atividades são pontuais.

Sabe-se que só teremos uma educação de qualidade com a participação ativa e efetiva de todos os atores envolvidos nesse processo e que para que essa participação se dê de forma satisfatória, estes atores necessitam de motivação. Desta forma a motivação é essencial para o processo de ensino aprendizagem e a escola como espaço co-criador desse processo deve potencializar esse espírito motivacional tanto em seus alunos quanto em seu corpo docente visando alcançar uma aprendizagem plena e efetiva.

O resultado deste estudo instiga a pesquisadora a continuar a trabalhar com a temática junto a docentes da educação básica, indo desde o desenvolvimento de novas pesquisas, a em especial, o desenvolvimento de projetos de extensão, estreitando os laços da universidade com a comunidade, no intuito de que com a troca de experiências, se consiga minimizar estas dificuldades enxergadas no tocante ao desenvolvimento de temáticas relacionadas a educação sexual nas salas de aula.

REFERÊNCIAS

- 1 - AMORAS, B. C.; CAMPOS, A. R.; BESERRA, E. P. Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v. 8, n. 1, p. 163-171, 2015.
- 2 - BACKES, M. T. S. et al. Noções de natureza e derivações para a saúde: uma incursão na literatura. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 729-751, 2010.
- 3 – BORGES, J. P. A.; MOURA-FERREIRA, M.C.de. Orientação sexual para adolescentes: conhecimento e prática de docentes das escolas públicas. **Rev Enferm Atenção Saúde [Online]**. Jan/jun 2015; 4(1):89-96
- 4 - BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (5a A 8a SÉRIES). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998.
- 5 - BRASIL. Decreto nº. 6.286, de 5 de dezembro de 2007. **Institui o Programa Saúde na Escola - PSE**, e dá outras providências. Diário Oficial da União 6 dez, 2007.
- 6 - BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis do HIV/Aids e das Hepatites Virais. **Boletim Epidemiológico Aids e IST**. Brasília, 2017. Disponível em:< <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-hivaids-2017>>. Acesso em:08 set. 2017.
- 7 - BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, **Diário Oficial da União**, 12 dez. 2012. Disponível em:<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html>. Acesso em: 05 jul. 2013.
- 8 - COSTA, A. C. P. J. et al. Vulnerabilidade de adolescentes escolares às DST/HIV, em Imperatriz – Maranhão. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, n. 3, v. 34, p. 179-186, 2013.
- 9 - CZERESNIA, D. Interfaces do corpo: integração da alteridade no conceito de doença. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 10, n. 1, p. 19-29, 2007.
- 10 - FERREIRA, E. A. et al. Adolescentes no espaço escolar e o conhecimento a respeito da saúde sexual e reprodutiva. **Cogitare Enfermagem**, v. 23, n. 2 (e55851), 2018.

11 - GIL, M. A. A. **Vulnerabilidade às Infecções Sexualmente Transmissíveis no contexto universitário**. 2016. 103f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Processos Institucionais) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/22030/1/MariaAngelicaAiresGil_DISSERT.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2013.

12 - JACOÉ, N. B. et al. O olhar dos profissionais de uma Unidade Básica de Saúde sobre a implantação do Programa Saúde na Escola. **Rev Med Minas Gerais** 2014; 24 (Supl 1): S43-S48

13 - JARDIM, F. A. et al. Doenças sexualmente transmissíveis: a percepção dos adolescentes de uma escola pública. **Cogitare Enfermagem**, Minas Gerais, n. 18, v. 4, p. 663-668, 2013.

14 - LEFEVRE, A. M. C.; CRESTANA, M. F.; CORNETTA, V. K. A utilização da metodologia do discurso do sujeito coletivo na avaliação qualitativa dos cursos de especialização “Capacitação e Desenvolvimento de Recursos Humanos em Saúde-CADRHU”, São Paulo – 2002. **Saúde e Sociedade** v. 12, n. 2, p. 68-75, 2003.

15 - LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 502-507, 2014.

16 - LOREIRO, M. I. G.; MIRANDA, N. **Promover a saúde: dos fundamentos à ação**. 2ª ed. Coimbra: Almedina. 2016. 398p.

17 - MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, São Paulo, v. 5, n. 7, p. 01-12, 2017.

18 - NASCIMENTO, M. V. et al. O que sabem os adolescentes do ensino básico público sobre o HPV. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, Londrina, v. 34, n. 2, p. 229-238, 2013.

19 - PANOBIANCO, M. S. et al. O conhecimento sobre o HPV entre adolescentes estudantes de graduação de enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 201-207. 2013.

20 - PEREIRA, B. S. et al. Fatores associados à infecção pelo HIV/AIDS entre adolescentes e adultos jovens matriculados em Centro de Testagem e Aconselhamento no Estado da Bahia, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 747-758, 2014.

21 - PILECCO, F. B.; KNAUTH, D. R.; VIGO, A. Aborto e coerção sexual: o contexto de vulnerabilidade entre mulheres jovens. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 27, n. 3, p. 427-439, 2011.

22 - PINTO, V. F. C.; BARBOSA, V. F. C.; PAIVA, S. G. Aspectos epidemiológicos e citológicos de infecções pelo Papilomavírus Humano (HPV) em adolescentes : uma revisão. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v. 5, n. 4, Pub. 4, 2012.

23 – RUFINO, C. B. et all. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2013 out/dez;15(4):983-91. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v15i4.19941>

24 - SILVA, R. F.; ERDMANN, A. L. Ambiente do cuidado: dimensão ecológica. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 11, n. 3, p. 72-82, 2002.

APENDICES

**APÊNDICE I - ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA
(QUESTÕES NORTEADORAS)**

PARTE 1 – CARACTERIZAÇÃO DOS COLABORADORES

Data: ____/____/____

1. Idade: _____

2. Gênero: () Masculino () Feminino () Outro

3. Cor ou raça (autodeclarada):

() preta () branca () amarela () parda () indígena () Não sabe () Não informado

4. Religião:

() Católica () Evangélica () Espírita () Acredita em Deus, mas não tem religião

() Ateu () Outros () Não informado

5. Situação de Conjugalidade:

() casado/a () solteiro/a () união consensual () viúvo/a () divorciado/a

() desquitado/a ou separado/a () Não informado

6. Formação escolar/acadêmica:

() Superior incompleto

() Superior completo

() Especialização/ Residência incompleto

() Especialização/ Residência completo

() Mestrado incompleto

() Mestrado completo

() Doutorado incompleto

() Doutorado completo

() Não informado

7. Qual disciplina leciona:

() Português

() Matemática

() Ciências

() História

() Geografia

() Artes

8. Em qual série leciona:

() 7ª série/8º ano

() 8ª série/9º ano

PARTE 2 – QUESTÕES NORTEADORAS

1 – Fale-me da sua vida: o seu dia a dia: casa, trabalho, lazer, filhos, companheira (o). Como é a convivência na família? Os grupos de amigos e convivência?

2 – Conte-me como o trabalho pedagógico ou de ensino entrou em sua vida.

3 – Há quanto tempo você é docente de ensino fundamental?

4 – Desde quando o conteúdo sobre DST's/IST's se tornou formal no ensino fundamental?

5 – Quais as DST's/IST's abordadas em sala de aula?

6– Como você se vê ao abordar estes conteúdos em sala de aula?

7 – Descreva-me quem são os adolescentes para os quais você aborda estes conteúdos.

8 – Como você organiza o seu trabalho e abordagens destes conteúdos?

9 – O que você considera importante abordar sobre estes assuntos? Por quê?

10 – Como se dá a sua relação com os estudantes?

11 – Quais os desafios neste trabalho e na sua relação com os estudantes?

12 – Quais os seus limites? E suas potencialidades?

13 – Você tem conhecimento das vivências dos estudantes sobre DST's/IST's?
Como é o cotidiano deles?

14 – Como é a convivência na família, os grupos de amigos e de convivência?

15– Você tem retorno da repercussão das atividades que você desenvolve com os estudantes sobre a temática? Elas influenciaram o comportamento deles?
Fale-me sobre isto.

ANEXOS

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: Práticas docentes sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis no ensino fundamental

Nome da Pesquisadora: Sued Sheila Sarmento

Nome do (a) orientador (a): João Batista Teixeira da Rocha

1. Natureza da pesquisa: o Sr. (Sra.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar conhecimentos e atitudes de professores nas abordagens sobre IST no ensino fundamental.

2. Participantes da pesquisa: a pesquisa terá como participantes docentes de ensino fundamental de escolas públicas e privadas de Petrolina/Pe, que lecionem nas 7^asérie/8^oano, 8^asérie/9^oano, as disciplinas de português, matemática, história, geografia e artes e que aceitem fazer parte da pesquisa.

3. Envolvimento na pesquisa: ao colaborar com este estudo a sra. (sr.) permitirá a sua colaboração na realização das entrevistas. A sra (sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr.). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone do (a) pesquisador (a) do projeto e, se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa.

4. Sobre a coleta dos dados: A coleta será realizada pela pesquisadora, entre fevereiro e maio de 2017, obedecendo a um agendamento, conforme as conveniências quanto à data, hora e local para cada colaborador a ser entrevistado, onde serão aplicados os instrumentos propostos podendo ocorrer em sua residência, ou outro local pelo (a) senhor(a) escolhido, onde possa falar livremente da sua experiência, respeitando sua vontade e com garantias de ressarcimento caso haja despesas com deslocamento ou alimentação, ou outras que possam surgir decorrentes da pesquisa. Após os colaboradores aceitarem e assinarem o termo de consentimento livre esclarecido dar-se-á início à aplicação dos instrumentos.

5. Riscos e desconforto: a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas. O estudo não trará desconfortos ou riscos para os colaboradores, ademais se existir desconforto de qualquer colaborador, o mesmo poderá desistir da participação do estudo em qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo ao mesmo. O risco ao colaborador decorrente de sua participação na pesquisa poderá ser o constrangimento, caso o mesmo se sinta lesado de

alguma forma, o pesquisador irá se retratar imediatamente. E caso ocorra qualquer tipo de dano ou problema comprovadamente resultante de sua participação em qualquer parte desta pesquisa, previstos ou não no presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ressaltamos que será nosso, o dever de suspender a pesquisa imediatamente.

Apesar de reunir condições favoráveis ao seu desenvolvimento, esta pesquisa, poderá ser suspensa, encerrada ou rediscutida, caso não haja autorização ou recusa da população alvo, em conceder as entrevistas individuais.

Deste modo, vocês terão direito a indenização e assistência gratuita, cujas despesas serão assumidas por mim, respaldadas por decisão judicial ou extrajudicial conforme resolução 466/12 do CNS.

6. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

7. Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente os pesquisadores e sua orientadora (e/ou equipe de pesquisa) terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa.

8. Benefícios: ao participar desta pesquisa a sra (sr.) não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo traga reflexões sobre as práticas pedagógicas utilizadas no ensino-aprendizagem sobre as IST's. Os pesquisadores se comprometem a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior.

9. Pagamento: a sra (sr.) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs: Não assine esse termo se ainda tiver dúvida a respeito.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa

Nome do(a) Collaborador da Pesquisa

Assinatura do(a) Colaborador da Pesquisa

Assinatura do(a) Pesquisador

Pesquisadora: Sued Sheila Sarmento (87- 99623-9653)

Orientador: João Batista Teixeira da Rocha (55 - 3220-9062)